

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

VINÍCIUS RONDI BÓRNEA

Autonarrativa sobre a aprendizagem clínica: o impacto da experiência no Plantão
Psicológico para formação do psicólogo.

São Paulo 2017

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Curso de Psicologia

Vinícius Rondi Bórnea

**Autonarrativa sobre a aprendizagem clínica: o impacto da experiência no
Plantão Psicológico para formação do psicólogo.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Curso de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia

Orientadora: Profa. Dra. Fabiola Freire

São Paulo 2017

Agradecimentos

Agradeço ao meu pai Mauricio Bórnea, minha mãe Monica Rondi Bórnea e minha irmã Eloá Rondi Bórnea por todo apoio e incentivo. Também a minha companheira Sueda que esteve por perto durante toda a graduação de psicologia.

É difícil imaginar como seria minha formação sem a participação do João Pedro Benzaquen Perosa, que ao longo do tempo tornou-se um exemplo na psicologia e na vida. Agradeço por todas as conversas, reflexões, estudos, apontamentos, orientações, disponibilidade e cuidado.

Ao professor Claudinei Affonso agradeço pelas discussões, sempre permeadas pelo bom humor. Também a professora Maria Cecília Roth pela atenção, escuta e disponibilidade.

Agradeço também a orientação da Fabíola Freire Saraiva de Melo, fundamental para a realização deste trabalho.

Título: Autonarrativa sobre a aprendizagem clínica: o impacto da experiência no Plantão Psicológico para formação do psicólogo.

7.00.00.00-0 – Ciências Humanas

7.07.00.00-1 – Psicologia

Autor: Vinícius Rondi Bórnea / e-mail: viniciusbornea@gmail.com

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Fabíola Freire Saraiva de Melo / Departamento de Métodos e Técnicas/Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde/e-mail: fabiolafreire12@gmail.com

Resumo

A pesquisa que realizei busca uma compreensão sobre a formação do psicólogo clínico na abordagem fenomenológica existencial em uma prática clínica chamada *Plantão Psicológico* realizado pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) da Universidade de São Paulo (USP). A pergunta que orientou minha pesquisa foi: como o impacto desta experiência clínica, denominada por plantão psicológico, se deu na minha perspectiva enquanto aprendiz dessa prática e estudante de psicologia em formação? Busquei a partir de um olhar fenomenológico conhecer os sentidos e significados da minha perspectiva enquanto aluno que está vivenciando o aprendizado desse modo clínico de atuar em psicologia. Permaneci pelo período de dois meses no projeto de formação do plantão psicológico e fiz sete atendimentos. Procurei manter uma constante atenção para as questões ligadas ao meu processo de formação clínica, como plantonista e, para tal, como procedimento metodológico, após o término de cada atendimento, fiz uma descrição minuciosa em meu *diário de bordo*, sobre como foi a experiência, a fim de registrar questões, sentidos e significados que surgiram durante os atendimentos. Realizei uma análise desse *diário de bordo*. Fiz uma discussão acerca da compreensão da aprendizagem, da formação do psicólogo e da vivência do ensino de práticas clínicas da abordagem fenomenológica existencial buscando encontrar um sentido a partir dos diversos dados obtidos. Também trouxe à luz para o meu autoconhecimento, quando estudei o meu próprio projeto de aprendizado, no sentido de ampliar minha formação, refletir sobre meu manejo, meu modo de ser plantonista e conhecer minhas condições de aprendizagem. Além disso, visei ampliar a produção científica da perspectiva do aluno no processo de formação que discuta questões, tais como, a relação entre teoria e prática, o autoconhecimento, e a aprendizagem.

Palavras chaves: Plantão Psicológico; Formação em psicologia; Formação do psicólogo clínico; Fenomenologia existencial.

Sumário

1.Introdução.....	6
2.Metodologia.....	10
2.1. Do método Fenomenológico	10
2.2.Procedimentos.....	15
3.Histórico do Plantão Psicológico.	17
3.1.O que é plantão?	19
3.2.Como é o Plantão Psicológico no LEFE?	19
Capítulo 4. Formação em Psicologia	22
4.1. Aprendizado de fenomenologia no curso de psicologia	23
5. Apresentação da vivência no Plantão Psicológico	26
Capítulo 6. Análise de dados.....	30
Capítulo 7. Discussão e interpretação	42
8. Considerações Finais.....	47
Referências Bibliográficas:.....	49
9. Anexos	52
Anexo I	52
Anexo II	53
Anexo III - Diário de Bordo - atendimentos em Plantão Psicológico.....	54

1.Introdução

A pesquisa buscou refletir sobre a formação do psicólogo clínico na abordagem fenomenológica existencial em uma prática clínica chamada *Plantão Psicológico* realizado pelo Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Prática em Psicologia (LEFE) da Universidade de São Paulo (USP).

É necessário, antes de tudo, explicitar minha trajetória até o atual trabalho. Ela não se deu de forma isolada ou desprendida do meu percurso na graduação como estudante de psicologia pela faculdade Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Desde os primeiros anos, aproximei-me do pensamento fenomenológico, como também das disciplinas de bases epistemológicas que me despertaram questionamentos, reflexões e uma certa inquietação frente às discussões em psicologia.

No segundo ano da faculdade, ingressei em um grupo de estudos, com o professor João Pedro Perosa e mais três colegas de faculdade, sobre o pensamento fenomenológico. Isso se desenvolveu em um trabalho de iniciação científica.

Portanto, este trabalho de conclusão de curso é fruto de uma extensão e aprofundamento de um trabalho de Iniciação Científica realizada no ano de 2016 orientado pela Professora Luciana Szymanski e o co-orientado pelo professor João Pedro Perosa que tinha como problema central conhecer a formação no Plantão Psicológico do Laboratório de Estudos Fenomenológicos da Universidade de São Paulo: *Um olhar fenomenológico para sentidos e significados dessa clínica por seus participantes.*

Para responder o problema central da pesquisa desenvolvemos quatro subtemas que constituíram a pesquisa final, que foram: 1-*Como Se dá a formação do LEFE e do Plantão Psicológico historicamente na perspectiva dos seus idealizadores e nas produções acadêmicas;* 2 - *Articulação entre os fundamentos LEFE: um olhar fenomenológico para a bibliografia fenomenológico-existencial que da suporte a prática clínica;* 3 - *Sentidos e significados para a prática do Plantão Psicológico: Um olhar fenomenológico para a vivência de profissionais do LEFE em instituições;* e 4-*Sentidos e significados atribuídos pelos formandos ao processo de formação no Plantão Psicológico: Um olhar fenomenológico para os sentidos e*

significados atribuídos por dois formandos do LEFE para a aprendizagem do plantão psicológico.

Dentro desses quatro subprojetos que a pesquisa geral se desenvolveu, me detive no quarto subtema, que era: *Sentidos e significados atribuídos pelos formandos ao processo de formação no Plantão Psicológico: Um olhar fenomenológico para os sentidos e significados atribuídos por dois formandos do LEFE para a aprendizagem do plantão psicológico.* Dessa forma, é necessário destacar que a problemática da aprendizagem da prática clínica não é um questionamento recente no meu percurso acadêmico científico e sim uma construção que começou com essa iniciação científica e evoluiu para o atual trabalho de conclusão de curso.

No decorrer do processo de construção dessa pesquisa, conheci a Profa. Dra. Henriette T. P. Morato, coordenadora do LEFE, no qual, ocorre o Plantão Psicológico. Posteriormente, conversei sobre a minha ideia de realizar meu trabalho de conclusão de curso, sobre o impacto da experiência em plantão psicológico na minha perspectiva enquanto aluno, e perguntei qual seria a viabilidade disso. Nesse contato, expliquei qual seria a proposta desse projeto e foi feito o pedido de autorização para que a parte prática fosse feita na clínica escola da USP, mais especificamente no LEFE na prática clínica do Atendimento em Plantão Psicológico.

Para apresentar meu contato com essa prática, suas especificidades, e o modo como tem sido realizada, é importante, trazer suas características, especificidades, origem, bem como meu modo de inserção neste trabalho. Para tal, fiz um breve histórico da instituição e prática, na qual, foquei meu estudo e, por fim, a apresentação do problema de pesquisa e fenômeno que pretendi estudar.

1.1. Breve histórico do LEFE e Plantão Psicológico

Criaram-se diversos grupos e centros de formação e pesquisa que buscam desenvolver a prática clínica a partir da fenomenologia existencial. No caso dessa pesquisa, me atentei para o desenvolvimento do Laboratório de Estudos Fenomenológicos (LEFE) da Universidade de São Paulo (USP) e à prática clínica conhecida como plantão psicológico oferecida por ele.

O LEFE foi criado em 1998 pelo departamento de psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade do Instituto de Psicologia da

USP. As atividades desenvolvidas são de formação, pesquisa e extensão, e, atualmente, é coordenado pela Profa. Dra. Henriette T. P. Morato.

Ele nasceu a partir do serviço de aconselhamento psicológico (SAP) centrado na pessoa, criado em 1969 por iniciativa de professores da USP, e servia à formação de alunos da graduação em psicologia, pesquisa em aconselhamento psicológico e atendimento gratuito à comunidade. Essa prática clínica derivou do Aconselhamento Psicológico realizado pelo SAP e se transformou ao longo do tempo a partir da concepção e construção fenomenológica.

O LEFE tem como diretriz ampliar estudos a partir da abordagem fenomenológica existencial. Ele oferece disciplinas, cursos de estágio para graduação e pós graduação, também atuando na área de atendimento e/ou na área de assessoria à instituições de saúde, educação e segurança pública, além de promover eventos científicos e pesquisas.

O plantão se caracteriza por uma modalidade clínica de atendimento de cunho emergencial. Configura-se como uma prática que se adequa às demandas tanto dos indivíduos como das instituições. Segundo Morato (2012) sua função é propiciar escuta e acolhimento para indivíduos que se encontram em momento de crise ou sofrimento.

Numa perspectiva fenomenológica existencial, o plantão psicológico pode constituir-se propriedade: modalidade de prática clínica marcada pela atenção e cuidado próprios ao modo humano de ser como *Befindlichkeit* (Heidegger, 2001a) junto aos outros (Critelli, 2002), em que afetados pelo mundo, com ele tecemos relações de sentido e projetamos nosso existir. (Braga, Mosqueira e Morato, 2012, p.558)

O LEFE apresenta quatro tipos de serviços oferecidos para a população, que são: Atendimento em Plantão Psicológico; Plantão Psicológico no Hospital Universitário; Atenção Psicológica no Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP; e Plantão Psicológico à comunidade do CRUSP. Realizei o serviço de Atendimento em Plantão Psicológico na clínica-escola do Instituto de Psicologia da USP que ocorre toda semana em data e horário pré estabelecidos. Todas as pessoas que procuram atendimento são atendidas no mesmo dia e por ordem de chegada.

As supervisões acontecem no mesmo dia do atendimento. Há também a possibilidade de uma supervisão que denominam por “supervisão de meio”, na qual, caso necessário, o plantonista faz uma pausa curta no atendimento, e vai até a sala de supervisão discutir o caso, e retorna para o atendimento. Além disso, existe uma supervisão no final do atendimento para discutir o encerramento deste caso.

Posteriormente, no capítulo Histórico do Plantão Psicológico, será apresentado com mais profundidade sua histórica e as peculiaridades dessa prática.

A pergunta que orientou essa pesquisa foi: como o impacto dessa experiência clínica, denominada por plantão psicológico, se deu na minha perspectiva como aprendiz. Um olhar fenomenológico para os sentidos e significados da minha perspectiva enquanto aluno que está vivenciando o aprendizado desse modo de atuar na psicologia. O acesso a essas vivências foi obtidos através de descrições dessas experiências em meu *diário de bordo*. Esta pesquisa buscou compreender mais especificamente os desdobramentos do processo de formação do aluno atuando na clínica do LEFE a partir da prática do plantão psicológico.

Tal objetivo se mostra relevante por pretender contribuir com a compreensão da aprendizagem e vivência do ensino de práticas clínicas na formação do psicólogo, especificamente da abordagem fenomenológica existencial. Além disso, visa também ampliar a produção científica sobre o processo de formação do aluno de psicologia que discuta questões tais como, a relação entre teoria e prática, autoconhecimento, aprendizagem.

A pesquisa pretende dar luz ao autoconhecimento do pesquisador, que pretende estudar e refletir sobre seu próprio projeto de aprendizado, no sentido de ampliar sua formação, conhecer melhor seu manejo, seu modo de ser plantonista e suas condições de aprendizagem. Tal questão mostra-se pertinente, visto a dificuldade de ensinar e aprender uma prática clínica, postura, atitude, pensamento que está na contramão da técnica.

2. Metodologia

2.1. Do método Fenomenológico

Tenho como objetivo neste item, destacar os conteúdos metodológicos de fenomenologia que foram evidenciados, destacados e trabalhados durante minha formação na graduação de psicologia na PUC-SP, a fim de sistematizar e sintetizar, mesmo que brevemente.

Segundo Kluth e Frota (2010) para a metafísica, existe diferença entre o ser das coisas e a maneira como essas coisas aparecem. Como se a aparência escondesse a essência dos fenômenos. A fenomenologia, portanto, tem o entendimento de que o fenômeno não é independente de quem o conhece. Nesse modelo de pesquisa o pesquisador é parte constitutiva do fenômeno que ele deseja investigar. Nesse sentido, a pergunta da pesquisa, a minha formação como psicólogo clínico em fenomenologia existencial através da experiência do Plantão Psicológico, busca unir o fenômeno à vivência do fenômeno.

Na metodologia fenomenológica existe o abandono dessa concepção, pela compreensão de que neutralidade nenhuma é possível. Dessa forma, vale destacar que o conhecimento está atrelado ao momento histórico, ao pesquisador e seu propósito e também está hermeneuticamente ligado à comunidade científica.

Primeiramente, é importante apontar que a história da fenomenologia existencial não se inicia no Brasil. Ela começou a ser explorada primeiramente pela psicologia de Franz Brentano (1838-1917) e, em um segundo momento foi fundamentada como um método por seu aluno e discípulo, o filósofo Edmund Husserl (1859-1938) constituindo-se por uma crítica às ciências vigentes em sua época. Segundo Colpo (1990, p.104), "o posicionamento epistemológico da fenomenologia de Husserl nasce do entendimento de que o desequilíbrio das teorias do conhecimento da modernidade é persistente, testemunhando assim uma precariedade e falta de rigor". Figueiredo (1989) também destaca que:

(...) a fenomenologia se preocupa essencialmente com o rigor epistemológico, promovendo a radicalização do projeto de análise crítica dos fundamentos e das condições de possibilidade do conhecimento. (Figueiredo, 1989 p.179)

Segundo González (2012), Husserl chama atenção para “a necessidade de observar os fenômenos tais como os mesmos se mostram para quem os observa”.(p. 809). Kahlmeyer-Mertens (2013) também destaca pontos relevantes do pensamento husserlianos:

Para Husserl, há de se apreender os fenômenos tal como percebidos pelos seus dados imediatos à consciência. Portanto, ao afirmarmos que a fenomenologia busca “conduzir o saber verdade à certeza de si mesma” (Husserl, 1973), ou ao repetir o adágio “Às coisas elas mesmas”, é preciso entender que tal investigação propõem tratar dos fenômenos em nível antepredicativo, ou seja, antes que qualquer predicado seja sobreposto à imediatez que nos vem dos fenômenos. Desse modo, o autor sugere que se deixe “entre parênteses”, toda interpretação ou teoria aderida ao fenômeno a posteriori. A isso Husserl chama de “epoché” e, só após essa suspensão, pode se empreender o principal exercício da fenomenologia, que é a de redução fenomenológica (Kahlmeyer-Mertens, 2013, p. 15)

A fenomenologia foi, posteriormente, desenvolvida por outros filósofos e pensadores importantes, como: Martin Heidegger, Alfred Schutz, Jean Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, entre outros. Dentre eles, podemos destacar Martin Heidegger que em sua obra “Ser e Tempo” (1927) aprofunda as ideias de Husserl e introduz uma nova ontologia fundamental que acaba influenciando outras áreas.

Tentarei reunir, de forma sucinta, alguns pontos da ontologia heideggeriana que fizeram parte da minha formação na graduação de psicologia. Dessa maneira, iniciarei apresentando um trecho do livro “Ser e Tempo”:

O ente que temos a tarefa de analisar somos nós mesmo. O ser deste ente é sempre e cada vez *meu*. Em seu ser, isto é, sendo, este ente se comporta com o seu ser. Como um ente deste ser, a pre-sença se entrega à responsabilidade de assumir seu próprio ser. (Heidegger, 2005 p.77)

Heidegger explicita que somos o ente que possui tarefa de analisar o homem, portanto nós mesmos. O termo utilizado na tradução como *pre-sença*, pode ser substituído pelo termo *Dasein* (em alemão) ou pela tradução *ser-ai*. O Dasein, ontologicamente, tem que ser o tempo todo, tem de se haver com consigo mesmo ou assumir a responsabilidade por seu próprio ser. Dessa forma:

A palavra Dasein, literalmente “ser-aí”, designa exatamente aquele ente para o qual ser é sempre questão; aquele ente que é o “aí” onde se dá ser; aquele cujo modo de ser é ser sempre aí. Aí, onde? No mundo. Aquele cujo modo de ser é existindo. É a existência humana que nos referimos quando dizemos a palavra Dasein. (Sapienza, 2013 p.13)

Ainda sobre essa questão, o existir, segundo Critelli (2016 p.11) destaca que “somos criaturas que existem e sabem que existem. Podemos nos distinguir de tudo que nos rodeia(...)”. Para a fenomenologia existencial, o homem é ontologicamente um ser-aí-no-mundo. Isso significa dizer que, o homem, só é no mundo e não existe possibilidade de conhecê-lo separadamente deste. Essa ideia rompe com o paradigma cartesiano e com um conceito de verdade dicotomizado, separação do sujeito-objeto. A fenomenologia compreende uma nova forma de investigar o fenômeno no qual não há separação entre o sujeito e o objeto, portanto, não considera uma possibilidade conhecer ambos separadamente de forma neutra.

Em nossa abordagem, a existência humana é concebida como algo totalmente diferente da existência de todos os outros entes. A noção heideggeriana de existência é tal que, rigorosamente falando, só o homem existe. Os outros entes são. O ente montanha é, o ente árvore é, o ente gato é. O ente Humano existe. Este é o ente a que chamamos de Dasein, ser-aí, que é ser-no-mundo. E quando se trata desse ente, existência significa abertura para ser em geral, e é nessa abertura que se dá mundo, mundo que é entrelaçamento da totalidade de significância. Se existência já é ser-no-mundo, já que essa abertura prévia em que se dá o mundo, onde caberia em tal contexto falarmos de interno e externo, dentro ou fora? Dentro ou fora de quê? (Sapienza, 2013 p. 18)

O ser humano, Dasein ou ser-aí, está em constante relação com as coisas e suas totalidades de significados do mundo, portanto podemos dizer que ele é ser-aí-no-mundo. Essa totalidade de significados do mundo, é um horizonte de significado prévio ou podemos dizer também com significados frutos da sedimentação própria da historicidade.

Também o mundo, nesse sentido, não se resume a uma realidade física no qual esse ser-aí no mundo travaria suas relações, mas remonta ao movimento do existir. O ser-aí existe ao passo que se lança compreensivamente ao seu mundo, afetando-se por humores, junto às coisas que a ele se apresentam à mão, ocupando-se dessas como utensílios em virtude de afazeres que só fazem sentido nessa íntima

conformidade revelada pelas referências do mundo e de seus propósitos e dos outros com quem convivemos. (Kahlmeyer-Mertens, 2013 p. 15)

O Dasein é, ontologicamente, abertura. Isto é, ele está lançando e aberto para as possibilidades do mundo, sem determinação ontológica. Podemos dizer que o Dasein é livre, no seu projetar-se de possibilidade e em seu poder-ser. Assim, segundo Pompéia & Sapienza (2011) "O ser livre do Dasein é ser aberto em possibilidades. Porque a fala é própria do homem, porque ele é capaz de ter linguagem, ele pode configurar não só o que é, mas também o que pode ser, o possível."(p.19). E ainda:

Essa compreensão não é uma faculdade, mas é o modo de ser fundamental do homem, cuja a existência pode ser chamada de *ek-sistencia*, que significa ser "fora", para o aberto, ser a abertura, lugar da manifestação de tudo que há. (Pompeia & Sapienza, 2011, p.77)

O pensamento fenomenológico contribuiu e influenciou outras áreas como, por exemplo, a psicopatologia, psiquiatria e a psicologia. Vale ressaltar os principais autores e psiquiatras que buscaram compreender os desdobramentos dessa filosofia na prática da Psiquiatria e Psicologia. Podemos citar Ludwing Binswanger (1881-1966), Jan Hendrik van den Berg (1914-2012) e Medard Boss (1903-1990), entre outros.

Dentre estes três que eu destaquei, vale ressaltar, o Medard Boss que teve contato com Martin Heidegger e o convidou no período de 1959 e 1969 para realizar uma série de seminários em Zollikon, com o objetivo de explorar e aprofundar as possibilidades de aproximação entre sua ontologia fundamental e uma prática psiquiátrica (Prado, 2001). Ainda segundo Prado (2001) "Esses seminários permitiram que Boss pensasse os alicerces, os fundamentos de uma nova medicina e psicologia, que levasse em conta a natureza do Dasein".

Medard Boss foi fundador da *Federação de Daseinanalyse em Zurich* na Suíça que também contribuiu para uma prática com fundamentação fenomenológica existencial para os profissionais da área da saúde. E também para a difusão desse pensamento pelo mundo, inclusive para o surgimento da ABD - Associação Brasileira de Daseinsanalyse em São Paulo.

A psicologia tem diversas abordagens e isso implica em vários métodos para delimitar um objeto de estudo para a produção científica. Segundo Figueiredo (1989) “A psicologia(...) vive, ao lado de outras ciências humanas, uma crise permanente. Esta crise se caracteriza pela extraordinária diversidade de posturas metodológicas e teóricas em persistente e irreduzível oposição”(p.09). A psicologia fenomenológica existencial apresenta-se como uma alternativa a essa crise.

Pompéia & Sapienza (2004) em um texto sobre uma caracterização da psicoterapia relatam uma visita ao Merdad Boss, em que ele ressalta que psicoterapia é pro-cura. E evidencia que em latim cura, significa cuidado. Terapia daseinsanalítica pro-cura, portanto é para cuidar.

Podemos dizer que a terapia daseinsanalítica é a ocasião propícia para que alguém se familiarize com a verdade de sua história, que vai aos poucos se tornando desvelada para ele. Trata-se de poder ter a liberdade de se aproximar dessa verdade que o liberta para si mesmo, para ser sua história, para ser cada vez mais si-mesmo-no-mundo-com-os-outros. (Pompeia & Sapienza, 2011, p.177)

2.2.Procedimentos

Realizei levantamento bibliográfico nas bases de dados Scielo, LILACS, Pepsic. Em conjunto com essas bases de dados digitais, que vem se caracterizando como as principais fontes de pesquisa para artigos e revistas mais recentes, também realizei levantamento bibliográfico nas bibliotecas da PUC¹, da USP² e no próprio site³ do LEFE. Levando em consideração o problema da pesquisa e o fenômeno que desejo estudar, as palavras chaves utilizadas para encontrar tal bibliografia foram: Plantão Psicológico, LEFE, Fenomenologia e clínica, história da fenomenologia, formação clínica.

Vale ressaltar que não foi encontrada nenhuma pesquisa em que essa temática foi diretamente estudada. Há muitas pesquisas sobre o plantão psicológico, sobre sua fundamentação teórica, seu “formato”, e diversos relatos de experiência em diversos campos diferentes onde é realizado, porém não encontrei nenhuma pesquisa referente ao estudo do impacto que tem na experiência do formando em psicologia, indicando a necessidade desse estudo.

Um ponto de encontro entre as várias vertentes dentro da abordagem qualitativa é a hermenêutica; Essa abordagem (hermenêutica), parte de um pressuposto de que todos os comportamentos têm significado e sentido e esses devem ser desvelados. (Alves, 1994 p.54)

Finalmente, como modo de coleta de dados, já que falamos de rigor na pesquisa qualitativa, a partir de um olhar fenomenológico, sugerimos a narrativa como uma técnica que se tem mostrado privilegiada, já que compreende a impossibilidade da dissociação do pesquisador com um fenômeno estudado. (Kluth e Frota, 2010 p.7)

Como procedimento específico da pesquisa, vale esclarecer que me debruçarei sobre minha experiência de aluno-plantonista com o objetivo de compreender os sentidos e significados dessa experiência específica. Tive a oportunidade de permanecer pelo período de dois meses e fiz sete atendimentos.

¹ <http://lumen.pucsp.br>

² <http://www.bvs-psi.org.br/php/index.php>

³ <http://www.lefeusp.com.br/#!/dissertaes/c8gs>

Dessa forma, realizei os atendimentos no Plantão Psicológico, oferecidos pelo LEFE, e passei pelas supervisões e discussões dos casos feitas no mesmo dia do atendimento. Após o término deste, fiz uma descrição minuciosa em meu *Diário de Bordo*, sobre como foi a minha experiência como plantonista, a fim de dar luz às questões, sentidos e significados que surgiram para mim durante o atendimento. Isso significa dizer que, o foco desta pesquisa, não foi investigar as questões dos próprios atendimentos ou dos pacientes, mas uma constante atenção para as questões ligadas ao meu processo de formação clínica, como plantonista.

Após a narrativa e descrições em meu *Diário de Bordo*, o próximo passo foi a análise desse conteúdo. Esse relato foi submetido a uma análise, na qual destaquei e agrupei em “núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.” (Mynaio, 2010 p.316). Assim, essa análise visou construir uma compreensão das minhas experiências como plantonista.

A análise e compreensão do fenômeno possibilitou alguns *núcleos de sentidos* que me dizem a respeito do fenômeno que estudei. Assim, o próximo passo foi buscar o sentido do todo. Segundo Szymanski (2004, p.153) “Através da reflexão, as unidades são agrupadas em categorias segundo um critério comum. A síntese, expressa em proposições, irá indicar o sentido do todo, depois de passar por todos os momentos de análise [...]”.

3.Histórico do Plantão Psicológico.

Para traçar o histórico do Plantão Psicológico é necessário voltarmos à sua origem no Brasil, que se deu em 1969 pelo Serviço de Aconselhamento Psicológico (SAP) na Universidade de São Paulo (USP). Foi um serviço idealizado pelo professor Dr. Oswaldo de Barro Santos, que acontecia sob coordenação da professora Rachel Lea Rosenberg no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP).

Seu nascimento se deu com o propósito inicial de ofertar atendimento gratuito à comunidade, sendo uma alternativa para as filas de espera do IPUSP. Além de, ao mesmo tempo, colaborar com a formação de alunos da graduação em psicologia.

Segundo Morato (1999) a sociedade e o sujeito contemporâneo solicitam novas formas de atuação e inserção do psicólogo. O plantão psicológico por sua vez tem a pretensão de ser uma modalidade clínica que esteja alinhada com o contexto social e histórico da sociedade.

Na Europa, a presença e influência filosófica impuseram-se. O Aconselhamento Psicológico europeu contemplava a prática do cuidado de indivíduos esfacelados pela guerra, para restituição da dignidade, prática essa influenciada por valores das filosofias existencialista e fenomenológica. A preocupação dirigia-se a acolher o indivíduo na sua experiência para continuidade histórica. Imediatez pragmática não era uma questão, e, portanto, não havia rigidez com relação a técnicas. Assim, importante era a própria prática indicando-lhes como fazer, e não a supremacia da técnica sobre a atuação. Flexíveis, o compromisso com a prática do Aconselhamento pautava-se em como ser conselheiro, e não em determinada teoria. (Morato,2016, p. 53)

O Plantão Psicológico do SAP se estruturou sob a base teórica da psicologia centrada na pessoa. Foi influenciado também por diversas abordagens e tendências da época como a psicologia humanista, fenomenologia e existencialismo. Sua maior referência era o teórico Carl Rogers (Morato, 1999; e Melo, 2004).

Dentro dessa perspectiva contemporânea, tem-se falado numa nova modalidade clínica que veio não substituir a psicoterapia, mas se constituir numa alternativa a esta; na verdade, trata-se de uma prática que se adequa às demandas atuais (...) entendendo este como uma modalidade de atendimento clínico psicológico de tipo emergencial, aberto à comunidade (Cury,

1999), cuja função é proporcionar uma escuta e um acolhimento à pessoa no momento de crise. (Rebouças e Dutra 2010, p.20).

Com o passar do tempo, a procura pelo plantão psicológico foi aumentando e a maneira como ele foi estruturado fez com que as filas de espera começassem a crescer, não mais sendo capaz de respeitar o momento da procura (emergência) do paciente pelo plantão. Sendo assim, na década de 80 o SAP se encontrou em um período de “crise” e questionamentos, fazendo-se necessário uma reflexão a cerca da estrutura do plantão. A partir dessa reflexão, o serviço de plantão oferecido pelo SAP continuou com suas características e objetivos iniciais. Sendo o plantão a porta de entrada, com encaminhamentos para a psicoterapia e/ou outros serviços de saúde.

O plantão psicológico, inicialmente assentado nos pressupostos teóricos da Psicologia Humanista de Carl Rogers, se consolidou como um serviço psicológico que tinha como proposta receber a queixa no momento da procura. A experiência do serviço mostrou que tais pressupostos teóricos não possibilitavam a plena realização da proposta, evidenciando, a partir da prática, uma necessidade de buscar novos referenciais. Essa busca desencadeou na formação do Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial da Universidade de São Paulo (LEFE), desmembramento do Serviço de Atendimento Psicológico (SAP), onde o plantão psicológico ainda ocorre segundo a teoria rogeriana. (Gomes et al, 2016, p.145).

Foi nesse contexto histórico que surgiu o plantão psicológico do Laboratório de Estudo em Fenomenologia Existencial (LEFE) no ano de 1998. Ligado ao departamento de psicologia da aprendizagem, do desenvolvimento e da personalidade do Instituto de Psicologia da USP. Seu objetivo principal era ser um atendimento aberto para a comunidade que que respeitasse o momento da procura do paciente, ou seja, um atendimento de cunho emergencial.

O Plantão Psicológico do LEFE também se estruturou teoricamente sob a luz da fenomenologia existencial. O plantão já existia e passou a ser fundamentado a partir desse viés teórico, portanto, não foi um serviço criado a partir desse viés, mas tal modo de olhar deu respaldo e fundamento. Conforme dito por uma fundadora:

(...) H. diz que não foi através da fenomenologia que surgiu o plantão, mas que, através do prática do plantão, a

fenomenologia pôde aparecer como um olhar possível/condizente com essa prática. (Gomes et al, 2016, p. 55)

Atualmente o LEFE é coordenado pela Profa. Dra. Henriette T. P. Morato e tem como diretriz ampliar estudos a partir da abordagem fenomenológica existencial. Ele estruturou-se a partir de disciplinas, cursos de estágio para graduação e pós-graduação. Seus campos de atuação são diversos e pertencem a uma nova visão de clínica ampliada (Paparelli, 2007). Sendo assim, o trabalho de plantão psicológico pode se dar na área de atendimento e/ou na área de assessoria à instituições de saúde, educação e segurança pública, além de promover eventos científicos e pesquisas.

3.1.O que é plantão?

Segundo Mahfoud (2012, p.17.), “A expressão “plantão” está associada a certo tipo de serviço, exercido por profissionais que se mantêm à disposição de quaisquer pessoas que deles necessitem, em períodos de tempo previamente determinados e ininterruptos”.

O plantão ocorre semanalmente com lugar e hora preestabelecido. Um grupo de alunos e professores (supervisores) de psicologia se disponibilizam por um espaço de tempo para atender as pessoas que os procuram. Sendo que todas as pessoas que procuram atendimento são atendidas no mesmo dia, por ordem de chegada.

Portanto, o plantão se caracteriza por uma nova modalidade clínica, de cunho emergencial. Configura-se como uma prática que se adequa às demandas tanto dos indivíduos como das instituições.

3.2.Como é o Plantão Psicológico no LEFE?

O LEFE apresenta quatro tipos de serviços oferecidos para a população, que são: Atendimento em Plantão Psicológico; Plantão Psicológico no Hospital Universitário; Atenção Psicológica no Departamento Jurídico XI de Agosto da Faculdade de Direito da USP; e Plantão Psicológico à comunidade do CRUSP. No caso desta pesquisa, iremos focar no Atendimento em Plantão Psicológico que acontece na clínica escola da USP.

No Atendimento em Plantão Psicológico as supervisões acontecem no mesmo dias dos atendimentos. Existem dois tipos de supervisão, sendo uma a *supervisão de meio* e outra a *supervisão de final*. A primeira é dada uma pausa curta no atendimento e os plantonistas vão discutir o caso com algum supervisor responsável e voltam para o atendimento. A segunda tem como característica discutir como foi a finalização do plantão e quais sentidos foram encontrados pelos pacientes e plantonistas no atendimento.

Dessa forma, o plantão ocorre como um *acontecimento*. Segundo Rebouças e Dutra (2010) “trata-se de uma paragem na qual o psicólogo, debruçado e atento à narrativa, testemunha o entre, ou seja, a condição do cliente de ser em história”(p.557). Esse acontecimento pode propiciar a escuta atenta de um plantonista ao paciente, a fim de compreender o sentido de sua narrativa.

Ser um plantonista exige que se tenha *disponibilidade* ao novo e *abertura* para o extraordinário, com a finalidade de acolher a demanda de quem procura (Paparelli, 2007).

Podemos dizer que o plantão "(...) configura-se como modo clínico de estar junto àquele que sofre. Para o plantão psicológico acontecer, não é preciso um pedido explícito, uma “queixa”, ou uma “demanda”; é preciso apenas pro-curar uma escuta." (Rebouças e Dutra 2010). Morato (2012) destaca como característica do plantão psicológico propiciar escuta e acolhimento para indivíduos que se encontram em momento de crise ou sofrimento.

A escuta clínica, pelo ouvir, é fundamental em qualquer situação demandante de ampliação da compreensão. Na atenção psicológica, via plantão psicológico, o ouvir se apresenta como abertura à compreensão de mal estares em relações situadas, possibilitando ressignificações da experiência. Acompanhar o outro na expressão do que lhe dói, apreendendo-o em sua realidade, é solicitude, disponibilizar-se via escuta que pode permitir se manifestarem elementos norteadores do agir cotidiano, clareando os modos de singularização e permitindo a apropriação de sentido no existir. (Braga, Mosqueira, Morato 2012, p.557).

O funcionamento do plantão e a ação clínica do plantonista pode ser encarado como um modo de cuidado. Como alguém que considera “as questões de quem se é, como se é, com quem se está e onde se está, dando a ver como modos

de cuidado, apoiados na experiência do encontro psicólogo/cliente, consideram a situação existencial do cliente, incluindo a esfera sociocultural” (Rebouças e Dutra, 2010).

Segundo Morato (2016), o plantão psicológico pode ser compreendido como uma sombra de uma planta grande que em um contexto de dificuldade, escassez de possibilidades e sofrimento, se apresenta como um convite ao cuidado. Assim ainda segundo Morato (2016), os pacientes são os que “permitem-se deixar-se estar à sombra de uma planta grande que em sua direção inclina suas ramas, sugerindo uma ruptura em sua cotidiana errância (...) Sentido esse que pode ter sido perdido ou esquecido ao longo dos tempos...”(p.225)

Nesse sentido, é algo difícil e complexo buscar uma definição de plantão psicológico, pois este sempre se caracteriza como *abertura*. Assim vale destacar Mahfoud que em seu livro “Plantão Psicológico: novos horizontes” afirma que o plantão psicológico parece um desafio. E é:

(...) ao contrário de instrumentalizar o plantonista para uma postura rígida, que direciona e prevê o que se mostra no encontro, instrumentaliza-o para uma abertura, que possibilita a iluminação do fenômeno em sua perspectiva única, na singularidade do momento em que se realiza e das pessoas que compõem o encontro. (Gomes et al, 2016, p.145)

Capítulo 4. Formação em Psicologia

A maior parte dos alunos, ao ingressarem na graduação em psicologia, acabaram de encerrar o ensino fundamental. Esse ingresso é permeado por diferentes vivências e sentimentos por parte destes. Existe uma mobilização na vivência dessa experiência, como por exemplo: as ansiedades e angústias geradas pelo contato com as questões do outro e de si mesmo, as expectativas em relação ao curso no período da graduação, exigências acadêmicas, a escolha de uma profissão, de uma identidade, personalidade e poder proporcionar saúde para seus futuros pacientes. Bonifácio et al (2011) realizou um estudo do tema e apontou que:

O ingresso na universidade é marcado por mudanças significativas para muitos jovens. Dentre alguns dos desafios a serem enfrentados, nesta nova etapa de suas vidas, estão a adaptação aos novos saberes, a exigência de autonomia, a responsabilização no processo de construção do conhecimento, e as expectativas quanto à inserção no mercado de trabalho já nos últimos anos da universidade. (Bonifácio et al., 2011 p.16)

Ziliotto (2014) fez entrevistas com formandos em psicologia e destacou que havia identificação por parte dos alunos em relação ao curso, isto é, “sendo as referências à Psicologia sempre elogiosas e marcadas por certo “encantamento” dos acadêmicos diante das potencialidades supostas na profissão” (Ziliotto, 2014 p. 85). O autor também faz referência à escolha e expectativa dos formandos, sendo:

A menção à compreensão da complexidade do ser humano – das suas razões, do que se passa em sua mente - através do conhecimento psicológico é majoritária nos entrevistados quando indagados sobre sua escolha profissional. A opção pela psicologia também se delineia para alguns a partir da vivência pessoais de sofrimento psíquico, da experiência psicoterapia e da complementaridade de formação profissional anterior. (Ziliotto, 2014 p. 90)

Segundo Bonifácio et al (2011), “a estrutura da grade curricular do curso de Psicologia em que as aulas ocorrem em período integral (manhã e tarde) mostrou um impacto significativo na avaliação dos participantes como eventos estressantes” (p.18), assim como a saída da casa dos pais. O fundamental dessa pesquisa foi destacar que as vivências mais estressoras são dos formandos do quarto e quinto ano da faculdade de psicologia. Chegando a conclusão de que:

Os resultados desta pesquisa evidenciam a vulnerabilidade dos estudantes do quarto e quinto anos do curso de Psicologia ao desenvolvimento de estresse. Os achados permitem supor que demandas de moradia em repúblicas, adaptação às contingências de ensino e aprendizagem, necessidade de organização do tempo e de atividades e estabelecimento de novas relações interpessoais se apresentaram como fatores potencialmente estressantes para uma parcela significativa da população universitária. (Bonifácio et al., 2011 p.19)

Os estágios durante a formação em psicologia são destacados como momentos de identificação do formando com a profissão escolhida. Segundo Aquino (2013), todos estudantes do curso de psicologia entrevistados na sua pesquisa “(...) manifestaram sentimentos de insatisfação e insegurança quanto ao despreparo sentido para a prática profissional” (p.99). Dessa forma, esse sentimento de desamparo na prática gera uma série de angústias e medos nos formandos, sendo que a maioria dos entrevistados dizem que se sentem empoderados de um pensamento crítico e reflexivo no âmbito teórico da psicologia. Nórté et al (2010) ressaltou a pouca interação que há entre a teoria e a prática, chamando a atenção para essa fragmentação e a necessidade de aproximação desses dois pólos. Rudnicki e Carlotto (2007) também destacam:

O estágio na formação do aluno é mais que uma aprendizagem prática é mais que associar teoria e prática, é um momento de construção de identidade profissional, de desenvolvimento de estratégias de enfrentamento saudáveis frente aos estressores típicos das profissões do campo da saúde. É o momento de desenvolvimento de competências interpessoais importantes para a vida pessoal e profissional com sérias repercussões para sua qualidade de vida e da população que é alvo de sua escolha profissional. (Rudnicki e Carlotto, 2007, p.106)

Portando a graduação de psicologia é permeada por uma mobilização nas vivências dos estudantes, expressadas através de ansiedades, angústias e encantamento. A intensa carga curricular mostrou-se como um gerador de estresses entre os formandos de psicologia, que nos anos finais do curso ficam mais vulneráveis. O momento de estágio também se apresentou como identificação do formando com a profissão escolhida, que proporciona uma aproximação entre a teoria e a prática.

4.1. Aprendizado de fenomenologia no curso de psicologia

Gomes (2006) e Melo (2008), professoras de fenomenologia em cursos de psicologia, fizeram seus doutorados sob a questão do ensino e do aprendizado da fenomenologia como pensamento filosófico, metodológico, reflexivo e como uma atitude no curso de psicologia. Ambas as autoras destacam a necessidade de paciência, tolerância e esforço tanto para ensinar como para aprender fenomenologia, uma vez que, “todo o processo de ensino permeia a desconstrução dessa postura de objetividade, controle e neutralidade”. (Melo, 2008 p.138). Como também destaca que “dada a complexidade do método fenomenológico, não é algo fácil para o aluno o exercício desse modo de olhar. (Melo, 2004 p.138). No mesmo sentido, Gomes (2006) aponta:

Ensinar e aprender uma atitude diante das coisas – que aqui denominei de “atitude fenomenológica” - exige tolerância. Um aluno, quando ingressa em um curso de psicologia, normalmente pede respostas; o pensamento fenomenológico traz mais dúvidas. O aluno quer (quase exige) uma verdade sobre as questões humanas; olhar fenomenológico traz o (insuportável) recorte provisório, que se dar sempre a partir de uma perspectiva (singular); o aluno pede um instrumento e o pensamento fenômeno lógico não apresenta, E mesmo o fragiliza; o aluno quer é linearidade, a fenomenologia traz circularidade; o aluno quer explicação, a fenomenologia traz compreensão; o aluno quer o nome da doença, o tratamento e, de preferência, a cura, a fenomenologia mergulha no modo-de-ser-doente, em sua particularidade, não respondendo assim sobre “a doença”, “o sofrimento” ou sobre “a saúde”, mas provocando uma reflexão sobre as questões e sua desconstrução. (Gomes, 2006, p.199-200)

Vale aqui destacar a dificuldade de ensinar e aprender uma perspectiva de pensamento que fuja do modo hegemônico, positivista. Nosso pensamento se estruturou na técnica, em um pensamento objetivista, com fazeres mecanicistas e funcionalistas. Pompéia e Sapienza (2011) destacam “que é a época em que tudo pode ser produzido, em que tudo é factível, de maneira cada vez melhor e mais rápida e, por isso, tudo pode ser substituído por um modelo mais novo, não só no que diz respeito a artefatos mas em todas as áreas”. No aprendizado de fenomenologia esse modelo vigente de nossa época é questionado e submetido a uma reflexão. E tanto na pesquisa de Gomes (2006) como na pesquisa de Melo (2008), as pesquisadoras relatam a dificuldade de ensinar uma matéria e um pensamento que está na contramão da era da técnica. Apesar das dificuldades, as

professoras relatam em ambas as pesquisas que conseguiram “observar nos alunos movimentos de transformação e mudança” (Melo, 2008 p. 138). Nesse sentido, coloca Gomes (2006):

O aluno é bombardeado por explicações, por relações deterministas, pela linearidade de causa-efeito, por respostas na vida em geral e não apenas no curso de psicologia. Aprendeu assim na sua escola, em casa, na vida. Tem, portanto, o direito de reivindicar o que sempre teve especialmente o que ele foi buscar. Por esse movimento arraigado no modo de ser ocidental as dificuldades de ensino e aprendizado do pensamento fenômeno lógico na graduação de psicologia, inicialmente, são muito grandes. Mas quando começam a ser enfrentadas, essa maneira de se pensar converte-se num processo que não pode mais ser abandonado, embora isso não significa, de maneira alguma, uma possível e necessária filiação à abordagem que não raramente são vistas nos cursos de psicologia como times. (Gomes, 2006, p. 201-202)

Dessa maneira, podemos destacar que o processo de ensino e aprendizagem desse pensamento, reflexão e atitude permeia dificuldades e angústias, sendo necessária a tolerância do aluno como também do professor.

5. Apresentação da vivência no Plantão Psicológico

Esse TCC foi extremamente inspirador e decisivo na minha formação, desde sua formulação, até sua vivência prática. O objetivo deste capítulo é introduzir como foi minha experiência de atender em um plantão psicológico e, posteriormente, fazer a análise desses dados e discussão a partir do meu *diário de bordo*.

Quando comecei a frequentar o plantão psicológico, percebi que tudo era muito novo e diferente das experiências na PUC-SP, desde o formato do atendimento, supervisão e até as relações entre professores e alunos. Sentia-me entrando em um mundo desconhecido, ainda não explorado. O sentimento de estranheza, foi constante, e também fomentou minhas reflexões acerca do que estava acontecendo comigo. Conforme relatei em meu diário.

Cheguei na clínica escola da USP tímido, pisando em um território que não me sinto pertencente, portanto cheguei de modo cauteloso. (trecho do diário de bordo)

Logo percebi que havia diferenças no modo de atuar que tinha aprendido na PUC-SP e no modo que eu estava conhecendo ali. Sentia, algumas vezes, que o plantão psicológico acontecia de uma forma tão veloz que as intervenções me soavam, ou podiam ser, precipitadas. Não havia tempo para conhecer com mais profundidade a pessoa que nos procurava e tínhamos que fazer o atendimento naquele momento, estar abertos para ouvir o que o paciente estava nos dizendo e exercer um pensamento clínico rápido.

Durante a vivência de atendimentos, fui me dando conta que os supervisores do plantão estavam sempre nos questionando sobre como estávamos nos sentindo dentro do atendimento e usando isso para refletir em desdobramentos, intervenções e acolhimentos em plantão. Isso foi algo que me atingiu e mobilizou, de um modo que fez eu me aproximar, debruçar e prestar atenção nos meus próprios sentimentos enquanto eu estava atendendo e, posteriormente os atendimentos também. Essa tarefa é muito complexa e exigiu muito trabalho e empenho para que eu conseguisse discriminar o que se passava comigo no momento que eu estava atendendo. E acredito que meu maior “insight” foi quando notei que poderia utilizar aquilo que o outro (paciente) provocava/despertava em mim, como algo que poderia me ajudar a compreender aquele atendimento que se desenrolava. Dessa forma,

utilizar essa percepção como norteador da compreensão e até das minhas intervenções clínicas.

Durante esses meses em que fui ao plantão psicológico, passei por uma grande mobilização das minhas questões pessoais e teóricas. Na prática, consegui enxergar aquilo que fiquei anos estudando e mais, também consegui, não só, manter a minha escolha na abordagem Fenomenológica existencial, como também consegui encontrar nela fundamentação para sustentar minha prática. Esse sentido, é curioso porque durante a formação muito dos meus colegas que gostavam de fenomenologia acabaram deixando-a de lado com o passar do tempo, porque diziam que não encontravam sentido e nem sustentação prática para essa abordagem. E, no meu caso, a prática só despertou mais interesse e identificação pela abordagem Fenomenológica Existencial.

Vale também destacar a singularidade de cada plantão, nenhum dos atendimentos que eu fiz foi igual. Cada paciente e encontro teve um grau de especificidade e singularidade impressionante. Ali, eu estava presente na frente de outros seres humanos que procuravam o plantão para tratar de questões extremamente íntimas e complexas. E meu papel era proporcionar uma escuta apurada e acolhimento para os pacientes, ao mesmo tempo que estava aprendendo uma prática nova e também “*a ser psicólogo*”. Algo que considero uma responsabilidade grande.

A experiência com os atendimentos em duplas representou algo especial em toda essa vivência, de modo que, houve uma inserção cuidadosa comigo no início, afinal eu estava entrando em um terreno que ainda não tinha muitas experiências. Como as duplas eram rotativas pude realizar atendimento com colegas que me identifiquei, confiei e não me senti inseguro na sua presença, como também tive experiências com outros colegas que não me identifiquei e nossa comunicação não fluiu como eu gostaria. Ambas as experiências foram riquíssimas, especialmente do ponto de vista do conteúdo que me possibilitaram reflexões e questionamentos que nunca se encerraram. Aspectos que registrei em meu *diário de bordo*:

Em primeiro momento deixei que minha dupla começasse o atendimento, a partir do momento que me identifiquei com as

ações do colega e senti confiança eu também fiquei a vontade para intervir. (trecho do diário de bordo)

Nesse atendimento não me senti a vontade com minha dupla. Tive a impressão de que tínhamos pensamentos e formas de atuar muito diferentes. Dessa maneira era complicado estar em consonância ou “falando a mesma língua”. Foi um atendimento ruim, não sai bem comigo mesmo. (trecho do diário de bordo)

Na minha formação em psicologia, mais especificamente na PUC-SP, tive a oportunidade de ter aulas, ser monitor de algumas matérias, ter uma relação boa e próxima com renomados psicólogos e professores. Nesse sentido, sinto-me privilegiado de ter uma formação na graduação que contemple essas questões. Por outro lado, mesmo tendo começado a estagiar no segundo semestre da graduação de psicologia, considero que tive poucas experiências e que sempre tive o interesse por mais e novas experiências práticas. Foi através dela, que fui encontrando meu caminho, sentindo-me empoderado e motivado com as questões da psicologia e descobrindo-me em minhas ações.

Posso dizer que esse atendimento, de algum modo, propiciou que eu tivesse um “gostinho” de ser psicólogo. (trecho do diário de bordo)

De maneira geral o plantão me proporcionou uma experiência única e mobilizadora na minha formação como psicólogo. Calhou de ser no final da minha trajetória na graduação da PUC-SP e, dessa maneira, fez sentido de maneira surpreendente, além de me apresentar uma outra perspectiva de atendimento e atenção psicológica, mais livre e abrangente.

É difícil dizer em palavras tudo o que a experiência em plantão psicológico representou na minha formação em psicologia. Algumas vezes, faltam palavras e minha própria compreensão da vivência ainda está recente demais. De algum modo eu tento aqui definir, explicar e descrever o impacto dessa experiência, estou ciente que existe uma diferença abrupta entre compreender teoricamente ou academicamente a psicologia e viver a prática de um psicólogo. Dessa forma, penso

que psicólogo não é algo que se torna, é algo que se vive. No fim, é uma escolha para a vida.

Capítulo 6. Análise de dados

A partir dos relatos obtidos no *diário de bordo*, foram agrupados alguns *núcleos de sentidos*. Do fenômeno que se buscou compreender: como o impacto desta experiência clínica, denominada por plantão psicológico, se deu na minha perspectiva enquanto aprendiz dessa prática e estudante de psicologia em formação.

Buscar os sentidos apresentados no *diário de bordo*, foi encontrar e apresentar uma percepção da experiência. Dessa forma chegamos em : **Medos e angústias, o motor do aprendizado; Supervisão: plantão do plantonista; Atendimento em dupla: experiência com o outro; Ter que, ou ser?; e Percepções, reflexões e questionamentos; Plantão psicológico: vivência que não se encerra.**

Medos e angústias, o motor do aprendizado

Um aspecto que se revelou foi a ansiedade frente a possibilidade de não ter pacientes para atender, expressando o desejo de passar pela experiência. Visto no seguinte relato:

As duplas começaram a ser formadas e os atendimentos foram iniciados e minha vez não chegava. Após um certo tempo comecei a ficar um pouco ansioso/angustiado porque eu queria fazer um atendimento e os pacientes já estavam todos sendo atendidos. Até que depois de uma hora e dez minutos minha dupla chegou e um paciente também. Dessa forma, descemos e começamos o atendimento.

Tais dificuldades também foram percebidas em meu corpo. Em meu diário, trouxe descrições de situações de desconforto expressadas através do corpo também fazem parte do aprendizado, durante o atendimento, em dado momento, que a situação de tensão foi intensa.

Estar nesse atendimento era algo tenso, lembro-me de como contorcia meus próprios dedos dos pés, dentro do tênis. Sentia eles se entrelaçando de forma tensa e rígida, expressando um “desconforto”. Acredito que essa expressão do meu corpo estava revelando a maneira como eu estava vivendo esse momento, na forma de tensão.

Estava lançado em uma experiência, da qual, eu pouco sabia e pouco tinha experiência. Estar acompanhando a história dessa paciente era algo que ao mesmo tempo era desafiador, instigante e desalojador. É claro que essa percepção não veio no momento do atendimento, ela está ligada ao processo de reviver o atendimento em plantão e escrita do diário de bordo. Como uma tentativa de resgatar os pontos marcantes do atendimento.

A falta de uma teoria metodológica prática surgiu como destaque, visto que ela era um gerador de angústia no jovem plantonista. Não conhecer o ser humano por uma teoria prévia se mostrou como um desafio.

Acredito que o fato de não saber o que se passa com o paciente e não ter uma teoria a priori que me orientasse nesse sentido colabora para o meu “nervosismo”. É desalojador, não saber o que fazer.

A experiência no plantão psicológico me provocou sentimentos e sensações, que se tornaram recorrentes ao longo de vários atendimentos. O encontro com o sofrimento do paciente e a sensação de falta de recurso para encarar essa situação, eram os principais fatores para o impacto dessa vivência. A impotência, medos, ansiedades e angústias que estavam presentes durante esse processo não foram encaradas como uma barreira para o aprendizado, visto que elas estimulavam o retorno para o plantão psicológico. Eram vivências desafiadoras, que instigavam a permanência, a busca pelo aprendizado e por uma boa atuação. Dessa forma, podemos destacar que esses medos e angústias fomentaram e estimularam a

entrega por minha parte para se aprimorar e buscar abertura para fazer um bom atendimento, caracterizando-se como o motor do aprendizado.

Nesse plantão eu me senti muito impotente. Quando acabou, eu estava indo para casa e ainda me sentia desconfortável, ansioso, cansado e com a sensação de que eu poderia ter feito algo diferente.

Meu terceiro atendimento em plantão psicológico foi muito difícil. A paciente estava contando uma vivência complexa, singular e extremamente forte para ela mesma, conseqüentemente muito forte para mim também, que a escutava.

Supervisão: plantão do plantonista.

A supervisão se apresentou como um espaço de acompanhamento do atendimento, por um profissional mais experiente. Revelou-se como um momento de reflexão, compressão, desmistificação do papel do psicólogo, testemunho, aproximação consigo mesmo, alternativa para momentos de alta complexidade, confusão, apresentação de uma outra perspectiva do atendimento, busca de sentido, possibilitador de abertura na escuta clínica, desenvolvimento de intervenções e uma atitude fenomenológica.

Nesse sentido a supervisão entrou como um momento de relatar para uma terceira pessoa o caminho que estávamos percorrendo junto com o cliente e pensar o que aquilo que estávamos contando dizia sobre o atendimento e sobre o paciente. Isso proporcionou uma outra visão daquilo que estávamos contando e também me colocou em um outro grau de abertura para o que emergia naquele plantão.

Fizemos a supervisão de meio e a final, o sentido dessas supervisões foram de descrever o atendimento para pensar

junto com um supervisor qual era a sentido da queixa/demanda da família e qual o sentido das nossas intervenções.

Mais especificamente, a supervisão de meio se apresentou como uma alternativa para momentos de complexidade, para pensar outras formas de manejos e intervenções. Como também, aproximar de si mesmo e das angústias presentes, mesmo que não as extinguíssem.

A supervisão de meio foi extremamente importante para o desenrolar, pois era um atendimento muito complexo.

A supervisão de meio chegou e começamos a relatar nosso atendimento descritivamente e também trazendo nossas compreensões. Foi um espaço para contar como estávamos conduzindo o atendimento e pensar em novas possibilidades para conduzir, intervir no atendimento. Porém o sentimento de angústia permaneceu.

É importante destacar que já era dado que eu poderia me utilizar aquele espaço para obter respostas, sugestões e clareamentos. Porém, também surgiu nesse momento uma reflexão, de que o cuidado com as próprias angústias e medos também eram de extrema importância e contribuíram para o atendimento e uma atitude dentro dele.

Noto que outra possibilidade é ir para a supervisão apenas buscando um clareamento, respostas e sugestões para o atendimento, porém eu gosto de aproximar também das minhas questões, medos, angústias, sentimentos.

Estar presente em supervisões de outros colegas plantonistas, também influenciou para o desenvolvimento de um pensamento clínico. Contribuindo para uma aproximação, e até mesmo familiaridade, de um modo, atitude e manejo do psicólogo fenomenólogo, em plantão.

Quando não estava atendendo eu fiquei na sala de supervisão acompanhando o processo de outros colegas, gostei muito de observar e participar, pois aquela experiência e discussão do caso me estimulou a desenvolver um pensamento clínico.

O cuidado com o plantonista, apareceu como uma preocupação dos supervisores e também como uma preocupação do plantonista. Visto que essa atenção não depende de uma das partes, mas sim do movimento das duas partes. Dessa forma, a supervisão também enunciou um caráter de plantão do plantonista.

(...) uma constante atenção para como estávamos nos sentindo no atendimento. Apesar de sentir-me mais seguro para voltar, o atendimento não fluiu.

Nesse sentido acho os supervisores muito cuidadosos com o plantonista. Posso dizer que eu faço o plantão com os pacientes e os supervisores fazem o plantão comigo. Porém esse cuidado depende também do quanto eu quero, posso, deixo e acompanho o movimento do supervisor.

Um dos marcos desse processo de aprendizagem foi na supervisão. Quando um supervisor fez um apontamento e revelou o modo como eu estava no atendimento, além de me gerar uma série de reflexões acerca do meu manejo. Foi uma grande aproximação comigo mesmo e teve um impacto significativo. Esse é um bom exemplo de atenção ao plantonista:

Nessa supervisão o supervisor destacou que percebia que eu estava "travado", no sentido de apreensivo. Eu, por outro lado, disse que eu me sentia preso no discurso do paciente, ou seja, que eu ficava extremamente concentrado na narrativa, a fim de compreender aquilo que o paciente dizia (desconsiderando outros referenciais, como por exemplo o rosto da paciente e gestos). E que meu medo era de perder o fio da meada, me perder no atendimento e não conseguir fazer um bom atendimento. O supervisor, por sua vez, disse:

- Acho melhor você se perder um pouco mais.

Fiquei extremamente pensativo com essa sugestão/apontamento. Eu penso que essa sugestão do supervisor foi muito importante no sentido de me lançar para algo que possivelmente tinha haver com meu modo de atender e atuar no plantão.

Tal apontamento foi importante para o aprendiz. Mobilizador e possibilitador de mudanças, novas atitudes, abertura para inclinar-se para a vivência do outro.

Quando voltamos para o atendimento, eu consegui atingir “*outro patamar*” de compreensão da sessão. (...) Considero que a supervisão nesse caso foi algo decisivo para que eu pudesse estar aberto/compreender o que de fato o cliente estava tentando nos dizer/mostrar.

Assim, na minha experiência a supervisão mostrou-se como o plantão para o plantonista, visto que, ela era um espaço para refletir e cuidar das minhas próprias questões, medos e angústias.

Atendimento em dupla: experiência com o outro.

As experiências de atender em dupla revelaram-se de dois modos, de identificação e afastamento. Este primeiro se deu quando houve familiaridade no modo de pensar e agir dentro do atendimento. Esse modo possibilitou a existência de reciprocidade entre a dupla e o paciente, além de gerar um sentimento de tranquilidade.

Senti-me muito tranquilo para fazer esse atendimento, pois percebi logo no começo que minha dupla tinha experiência nos atendimentos em plantão, tinha uma escuta e seguia uma linha de pensamento próxima (familiar). Nesse aspecto, mesmo

sendo diferente em alguns aspectos a troca/conversa durante o atendimento foi possível.

Outro modo que se revelou foi a não familiaridade na maneira de pensar e agir, a falta de afinação e reciprocidade. Isso influenciou no atendimento, exprimindo uma dificuldade de comunicação e direção.

Nesse atendimento não me senti a vontade com minha dupla. Tive a impressão de que tínhamos pensamentos e modos de atuar muito diferentes. Dessa maneira era complicado estar em consonância, afinação ou “falando a mesma língua”.

Ter que, ou ser?

Ao reler meus relatos no diário, notei que foi recorrente o uso da expressão “ter que” nos relatos do *diário de bordo*. Elas significavam um sentimento de dever, de obrigação da qual eu me imbuía perante o atendimento. Existia a sensação de que havia algo que eu pudesse fazer (e não sabia), para salvar, solucionar, resolver o atendimento. Podemos dizer que havia o desejo de uma solução rápida, fácil e “mágica” para o paciente e para o meu aprendizado, conforme pode ser encontrado em vários momentos em meus relatos.

Dizendo em outras palavras, eu sinto obrigação de fazer algo pelo paciente, acompanhar e escutar o paciente, pareceu muito pouco.

Acredito que o meu sentimento, como também o da minha dupla, estava girando em torno da angústia de não saber o que fazer para que aquela paciente falasse, que o atendimento fluísse e que pudessemos contribuir com aquela pessoa de alguma forma.

(...) meu sentimento era de que tinha algo ou alguma coisa que eu pudesse ter feito/dito para que a paciente se soltasse e o atendimento tivesse fluído.

Em um segundo momento, esse desejo ainda estava presente, com uma nova compreensão de que ele não contribuía, mas distanciava ainda mais do paciente. Além da compreensão de que o atendimento em plantão depende da entrega do plantonista e do paciente, no sentido de não colocar única e exclusivamente o poder na mão do plantonista.

Sentia-me na posição de ter que fazer algo que pudesse “salvar” o atendimento. Essa postura/preocupação não favoreceu o atendimento nos distanciando ainda mais do paciente e do sentido da sua fala.

Nosso trabalho vai até o outro (paciente) permite, nesse sentido é um caminhar em conjunto. Não sou onipotente, apesar de as vezes desejar.

Esse desejo foi progressivamente desaparecendo durante os plantões. Substituído por um modo de estar no atendimento mais calmo, que suportava e sustentava o sofrimento do outro. Foi fundamental esse processo de aprendizado para que pudesse surgir, ao invés de obrigação/dever (ter que), reflexões e uma atitude fenomenológica que permitia minha abertura para o novo e para o desenrolar do atendimento.

(...) se cada caso é um caso e toda vez que eu entro para atender é uma experiência completamente singular. O que acontece que com o passar do tempo eu tenho entrado diferente e meus atendimentos tem melhorado, se a princípio eu não tenho nenhuma informação prévia sobre paciente?

Notei que ao longo desse processo quando eu entrava em um atendimento sentia-me muito ansioso, angustiado, sob pressão diante de outro ser humano que estava em situação de

sofrimento. Muitas vezes, essa angústia era tamanha que prejudicava minha escuta e intervenções, sendo que agora percebo que nos atendimentos, perante o sofrimento e a dor do outro, consigo me manter mais calmo do que no começo. Dessa forma consigo ter mais clareza na compressão do atendimento como um todo e também adquiri mais calma e confiança para fazer intervenções, apontamentos e estar junto ao paciente.

Dessa maneira, apresentam-se três momentos. O primeiro, no qual, eu ficava tomado por um sentimento de obrigação frente ao atendimento. Em um segundo momento esse sentimento permanece, porém com a compreensão de que ele me distanciava do paciente. E em um terceiro momento esse sentimento começou desaparecer, possibilitando um atendimento mais fluido.

Percepções, reflexões e questionamentos.

O processo de aprendizagem no plantão psicológico trouxe diversas percepções, reflexões e questionamentos, visto que foram experiências com muitos conteúdos e carregada de um conhecimento vivencial extremamente impactante para a vivência do formando de psicologia.

Não saber o que fazer, se revelou como uma vivência difícil, geradora de angústia e nervosismo. Lançar-se para a experiência sem um aparato teórico prático foi desalojador, saiu do meu âmbito da familiaridade e me possibilitou entrar em contato com a fragilidade de não saber o que fazer.

Acredito que o fato de não saber o que se passa com o paciente e não ter uma teoria a priori que me orientasse nesse sentido colabora para o meu “nervosismo”. É desalojador, não saber o que fazer.

Os atendimentos provocaram sentimentos, sensações e afetividades. Diferentemente de uma postura distante e neutra do terapeuta, o que estava sendo

revelado é que essas afetividades fazem parte do processo clínico em plantão. Surge, então, o questionamento do que fazer com isso?

É inegável que os atendimentos provocam sentimentos, sensações, afetividade no terapeuta, se não houvessem essas questões o presente trabalho não teria o menor sentido. A questão que se estabelece então é: o que fazer com esses sentimentos, sensações e afetividade?

Ainda sobre a questão da afetividade no plantão, foi um marco no aprendizado, quando compreendi que era possível orientar-se por elas.

A partir do momento que eu reparei que essas afetividades poderiam nortear, contribuir e cooperar com o atendimento, minhas intervenções mudaram e até a forma como encarava o atendimento e os limites das minhas intervenções. Saia menos pesado, ansioso, confuso, sensação de alívio e contemplação.

O fato de não saber o que o paciente faz com o trabalhado, em plantão, foi um gerador de angústias. Segue um trecho do diário em que relato esse aspecto:

Não dá para saber o que o paciente faz com meu trabalho. Nesse sentido ele é pura angústia para mim mesmo.

Outra reflexão, girou em torno, do inesperado. O trabalho do plantonista requer desenvoltura para lidar com as questões dos pacientes, que se apresentam sempre de maneira singular e única. Nesse sentido não há como saber previamente o que acontecerá no encontro. O questionamento que fica é, como se preparar para o inesperado, para aquilo que não se sabe?

A impressão que eu tenho é de que nosso trabalho (psicólogo) é, muitas vezes, se preparar para o inesperado. Porém se é inesperado, como se preparar para ele?

Plantão psicológico: vivência que não se encerra.

A experiência em plantão psicológico apresentou-se como uma vivência que não se encerrava no final de um atendimento, supervisão e discussão. Nos relatos, há a presença de uma vontade em retornar às atividades do plantão na semana seguinte, com mais disposição, vontade e abertura para vivenciar mais aprendizados.

Finalizamos o atendimento e eu me senti bem, feliz. Com disposição para continuar atendendo. Com vontade de voltar na próxima semana.

Terminei esse atendimento muito intrigado, me sentido ansioso, angustiado. A reflexão sobre esse atendimento não se encerrou ainda continua a gerar questionamentos e reflexões em mim mesmo.

Lançar-se à experiência me abria para discussões, colocava-me em situações e aproximava de questões íntimas. Há muitos relatos de situações de angústias e desconforto, como visto nos núcleos anteriores. O peculiar desses sentimentos é que eles não se apresentaram como um empecilho ou como algo que gerava afastamento, mas se desvelaram como vivências que instigaram o retorno, a insistência e permanência no plantão.

Apesar do desconforto, a cada dia que passa eu sinto mais vontade de voltar e atender em plantão psicológico.

Terminei esse plantão implicado nessa questão de transitar entre o perder-se e achar-se. Além de buscar compreender qual o sentido disso dentro do atendimento.

A permanência no plantão, a grande quantidade e qualidade das experiências que foram vividas, permaneciam ao longo dos dias e semanas como reflexões e pensamentos que assim podiam ser elaborados e ressignificados.

Quando o atendimento não flui da maneira como eu quero, eu também continuo com o desejo de continuar indo ao plantão. Porém é necessário um descanso, reflexão, aproximação e elaboração com aquela vivência.

Dessa forma, o plantão apresentou-se como uma vivência que possibilitava uma maior abertura para novas reflexões e pensamentos. Ao término de cada experiência em plantão o que ficava era a incompletude, caracterizado o fim em aberto.

Capítulo 7. Discussão e interpretação

Os núcleos de sentido anteriores, dizem a respeito do meu processo de aprendizagem no plantão psicológico do LEFE. A pergunta que estou tentando responder é: como o impacto dessa experiência clínica, denominada por plantão psicológico, se desvelou na minha perspectiva como aprendiz. Dessa forma, chegamos em dois núcleos de sentido que englobam todos os anteriores, sendo eles: **Amadurecimento: crescer é difícil; e Cuidado, com o outro e consigo.**

Amadurecimento: crescer é difícil.

O impacto da experiência em plantão psicológico propiciou a oportunidade de passar por um processo de amadurecimento. Esse processo foi experienciado e vivido através de um desconforto inicial no encontro com o sofrimento do paciente e a contato com a fragilidade do não saber, da falta de recurso para encarar (manejar) as situações. Como também visto por BORNEA, V. R. et al:

A início da atuação dos participantes no plantão psicológico, teve um aspecto desafiador. Os relatos de vivências angustiantes, desconforto, desconhecimento da prática e receio de entrar em contato com o sofrimento do outro foram recorrentes em ambas as experiências. (Bornea et al, 2016, p.140)

Destacam-se os sentimentos de impotência, ansiedade, angústias, medos que estiveram presentes, vividas como motivações para uma implicação ainda mais profunda e intensa. A angústia vivida como desafio, permeou o desejo do plantonista em se desenvolver, aprender e realizar um bom atendimento. Visto que, existia a vontade de fazer atendimentos e passar por experiências.

Não ter uma metodologia prática a priori, evidenciou um desconforto frente ao desafio que era entrar em contato com o sofrimento do outro. Foi o lançar-se na experiência sem um caminho prévio a ser percorrido, portanto lançar-se na incerteza da existência humana. Sapienza (2013) destaca as dificuldades de se trabalhar sem um aparato teórico prático:

Só que, ao começar a atender seus pacientes, o psicólogo percebe, depois de algum tempo, o quanto é mais difícil trabalhar sem o respaldo de uma teoria de psicologia. Nem sempre é cômodo manter o pensamento aberto; sentir-se solto pode ser vivido como desamparo. Aqueles temas que encantam e são tão envolventes, quando tratados em grupos de estudo, são outra coisa quando trazidos na condição do sofrimento concreto de alguém que está na sua sala e espera algo de você. Ali se rompe o encantamento; aquilo só dói. Aquelas ideias de possibilidade de perda, de finitude, de limites, de culpa, ali, com aquela pessoa, já não são ideias. Aquilo está acontecendo na vida dela e é com você que ela quer compartilhar. Uma pessoa conta que o amor da sua vida foi embora e agora a vida não tem mais nenhum sentido; outra não pode ser feliz sentindo tantas culpas; há outra que carrega o peso de uma doença grave; aquela outra tem um amor impossível; outra acabou de perder um filho; há aquela que não pode tolerar a injustiça que sempre recai sobre ela; vem alguém e diz que tem tudo o que quer, mas pergunta: "Por que viver?" E cada pessoa conta a sua história, conta a sua vida. Se você estiver junto a cada uma delas, com o pensamento e o coração abertos, o sofrimento poderá ser seu também. E, no entanto, você não está ali para afundar junto. E agora? A única coisa certa e que não é fácil. (Sapienza, 2013 p.14)

As supervisões apresentaram-se como uma alternativa para momentos de alta complexidade e também como possibilidade para refletir sobre manejo, desmistificação do papel do psicólogo, apresentação de uma outra perspectiva do atendimento, busca de sentido, possibilitador de abertura na escuta clínica e principalmente para o aprendizado e desenvolvimento de uma atitude fenomenológica.

Melo (2008) ressalta a possibilidade que os estágios e práticas trazem para uma aproximação do pensamento fenomenológico:

É, em geral, nos estágios que os alunos percebem mais explicitamente a aproximação do pensamento fenomenológico à vida cotidiana. Ao lecionarmos as disciplinas de Fenomenologia, são constantes os pedidos dos alunos por conhecimentos que evidenciem a utilidade desse método filosófico na prática do psicólogo, principalmente nos atendimentos psicoterapêuticos. São muitos os pedidos por explicações causais e pragmáticas e é difícil para o aluno iniciante nesse modo de olhar aceitar a atitude fenomenológica, seus questionamentos e a angústia que

provoca. (...) Todo o processo de ensino permeia a desconstrução dessa postura de objetividade, controle e neutralidade. (Melo, 2008 p.138)

As experiências vividas através do plantão não se encerram no término deste, questionamentos, reflexões e angústias permaneciam por algum tempo e foram elaboradas lentamente.

A angústia, a impotência, o questionamento e a sensação de incapacidade suscitadas pelo encontro com o outro, quando bem lapidadas no contexto da supervisão, podem ser um valioso material potencializador de habilidades importantes no psicólogo. A abertura, a disponibilidade para o espanto e a capacidade de suspender teorias e valores prévios são experiências fundamentais para que possam se aproximar do outro, de quem ele é e do que procura. (Melo, 2004 p.141-142)

Havia o sentimento de obrigação, por parte do plantonista, de manejar a situação clínica de tal modo que fosse possível obter uma solução rápida, fácil e “mágica”. Ao longo do processo essa compreensão foi mudando para uma crítica a esse modo de estar, questionando a onipotência o plantonista. Por fim, o sentimento de obrigação foi sumindo e a compreensão de cada caso, reflexões e uma atitude fenomenológica começou a surgir.

Assim como os atendimentos foram progressivamente ficando menos angustiantes e passaram a se desenrolar de forma mais fluída.

Quando aluno permite uma abertura para o desconhecido, (...) imediatamente torna-se crítico e pensar cautelosamente sobre as questões humanas. Investe na tolerância, no exercício de suportar a diferença, a fragilidade, a interrogação. (Gomes, 2006, p.202)

Cuidado, com o outro e com si mesmo.

A permanência no plantão, me possibilitou a aproximação da prática clínica fenomenológica e amadurecimento profissional e pessoal. As experiências do plantão ressoavam, por dias e semanas como reflexões e pensamentos que assim podiam ser elaborados e ressignificados.

A ressignificação do vivido, também se desvelou como uma característica da supervisão. Aproximar-se de si mesmo e das angústias presentes, mesmo que não

as extinguissem, viabilizava maior autoconhecimento e influenciava também em melhores intervenções e manejos.

A possibilidade de utilizar o espaço de supervisão apenas como um meio para obter respostas, sugestões e clareamentos não se mostrou suficiente. O cuidado consigo foi um significado recorrente e valioso para o formando. Posto que para Sapienza (2013) o ser humano; ser aí; Dasein “(...) não é ser o animal racional, mas sim ser destinado ao cuidado (Sorge)” (p.13).

O cuidado com o plantonista se desvelou como uma “pre-ocupação” dos supervisores do LEFE que, de maneira recorrente, chamavam atenção ou faziam apontamentos que favoreciam a reflexão de si. Também se desvelou como característica de abertura do plantonista. O cuidado identificou um movimento de convergência entre supervisores e supervisionado. A supervisão também enunciou um caráter de plantão do plantonista.

Heidegger (2005) chama a atenção para um modo de cuidado (pré-ocupação) que devolve o outro para si mesmo, não na tentativa de lhe tirar o cuidado, mas na possibilidade deste se haver com si mesmo. Esse modo, foi extremamente presente nos momentos de supervisão, tanto em plantão propriamente dito.

Em contrapartida, subsiste ainda a possibilidade de uma preocupação que não tanto substitui o outro, mas que se lhe antepõe (N39) em sua possibilidade existenciária de ser, não para lhe retirar o “cuidado” e sim para devolvê-lo como tal. Essa preocupação que, em sua essência, diz respeito à cura propriamente dita, ou seja, à existência do outro e não a uma coisa de que se ocupa, ajuda o outro a tornar-se, em sua cura, transparente a si mesmo e livre para ela. (Heidegger, 2005 p.174)

A aproximação consigo mesmo proporcionou questionamentos e reflexões que se mostraram, por sua vez, sustentação para mudanças, novas atitudes, abertura para inclinar-se rumo à vivência do outro.

É através desta percepção do outro, fundada no modo como sou afetado por ele, que o plantonista percebe os espaços em que a ação psicológica é pertinente: a atenção às cenas que ele testemunha permite compreender as formas possíveis de aproximação e as possibilidades de intervenção. (Braga, Mosqueira e Morato, 2012, p.567)

O processo de aprendizagem no plantão psicológico me trouxe diversas percepções, reflexões e questionamentos, visto que foram experiências com muitos conteúdos e carregada de um conhecimento vivencial extremamente impactante para a vivência do formando de psicologia.

8. Considerações Finais

Tive como propósito neste trabalho, trazer à luz como o impacto dessa experiência clínica, denominada por plantão psicológico, se deu na minha perspectiva como aprendiz. A partir de um olhar fenomenológico para os sentidos e significados da minha perspectiva enquanto aluno que estava vivenciando o aprendizado desse modo de atuar na psicologia.

No primeiro momento, explicitarei o caminho percorrido até a chegada no problema de pesquisa, desde os anos iniciais na faculdade de psicologia até a o trabalho de conclusão de curso. Em um segundo momento, debruçei-me sob a discussão do ensino e aprendizagem em psicologia, mais especificamente o de práticas fenomenológicas existenciais. Bem como, o histórico e fundamentação da prática de plantão psicológico realizado pelo LEFE.

Para compreender formação do psicólogo clínico na abordagem fenomenológica existencial em uma prática clínica chamada *Plantão Psicológico*, lancei-me na experiência desse projeto de formação, com uma constante atenção para as questões ligadas ao meu processo de formação clínica, como plantonista. Foi uma experiência mobilizadora repleta de percepções, reflexões, questionamentos, conteúdos e carregada de um conhecimento vivencial extremamente impactante para a vivência do formando de psicologia.

Meu processo inicial no plantão psicológico foi permeado por diversas vivências de angústia. O desamparo da prática trouxe vivências difíceis e ao mesmo tempo desafiadoras, instigadoras e reveladoras da prática do psicólogo. Aspectos que são esperados dentro desse projeto de formação, percepção também confirmada por Morato (2016): "E essa revelação em ação mostra como essa modalidade se faz aprendizagem pela experiência de desamparo, desconforto inicial, atravessamentos do contexto e de si próprio" (p.193).

O aprendizado do pensamento fenomenológico caminha em conjunto com a desconstrução de um pensamento hegemônico, que se estabeleceu no nosso horizonte histórico sedimentado de significados e sentidos. A dificuldade de aprender um modo de refletir que escapa da habitualidade é um processo que exige calma, tolerância e insistência.

O pensamento e a prática fenomenológica, em plantão, ao invés de explicações, me lançaram na dúvida e no desconforto de estar diante do sofrimento do outro. Ao invés de me apresentarem um modo de atuar, questionaram o que eu poderia fazer frente uma situação singular; ao invés de deter-se apenas nas discussões dos casos, estimulavam minha aproximação comigo mesmo em forma de cuidado.

Aos poucos o que era desconforto, progressivamente foi se tornando familiaridade. O pensamento crítico começou a habitar os plantões psicológicos e, aos poucos, possibilitou em mim a emergência de uma atitude fenomenológica e um pensamento clínico.

Tanto a vivência prática do plantão como o processo de pesquisa científica, possibilitaram-me o autoconhecimento, visto que, estudei o meu próprio projeto de aprendizado e inclinei-me para minha próprias questões. Permitiu ainda ampliar minha formação, no sentido de poder refletir sobre meu manejo, meu modo de ser plantonista e conhecer minhas condições de aprendizagem.

Cheguei ao final deste trabalho de conclusão de curso, com o sentimento de contemplação pelo trabalho que realizei. Sempre haverá algo a mais para estudar, analisar, acrescentar e discutir. O problema de pesquisa foi estudado até determinado ponto, porém não foram esgotadas as possibilidades de novas compreensões e estudos. Ao contrário, indicou a necessidade novos estudos sobre a área de ensino e aprendizagem de prática clínicas fundamentadas na fenomenologia existencial, visto a complexidade de ensinar e aprender uma prática clínica.

Penso que esse é o início e a documentação de um longo caminho que desejo trilhar. Não sei exatamente para onde ele me levará, mas sei de onde parti e o rumo que quero seguir. Resgatando o que a reflexão feita no capítulo de apresentação da vivência, penso que psicólogo não é algo que se torna, é algo que se vive. Nesse sentido, sinto-me preparado para os percalços e turbulências desse caminho.

Referências Bibliográficas:

Alves, A.J. (1991) *O Planejamento de Pesquisas Qualitativas em Educação*. Cadernos De Pesquisa. São Paulo, Brasil.

Bonifácio, Shirlei de Paula, et al. "Investigação e manejo de eventos estressores entre estudantes de Psicologia." *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas* 7.1 (2011): 15-20.

BRAGA, Tatiana Benevides Magalhães; MOSQUEIRA, Sáshenka Meza; MORATO, Henriette Tognetti Penha. Cartografia clínica em plantão psicológico: investigação interventiva num projeto de atenção psicológica em distrito policial. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto , v. 20, n. 2, p. 555-570, dez. 2012 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2012000200020&lng=pt&nrm=iso. acessos em 11 jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2012.2-20>.

Casanova, Marco Antonio. "Compreender Heidegger." *Compreender*. Vozes, 2012.

COLPO, M.O. (1990). O Método Fenomenológico de Investigação e as Práticas Clínicas em Psicologia. *Psic.Rev.São Paulo*, Volume 22, n.1, 101-118, 2013.

FIGUEIREDO, L. C. M. (1989), *Matrizes do Pensamento Psicológico*, Ed. Vozes, São Paulo.

Figueiredo, Luis Cláudio. "Matrizes do Pensamento Psicológico. 10ª." (2003).

Gomes, Luciana Szymanski Ribeiro. "O pensamento fenomenológico na formação do psicólogo: uma experiência de ensino na graduação." (2006).

Gomes, Luciana Szymanski et al. Formação no plantão psicológico do laboratório de estudos fenomenológicos da universidade de São Paulo: um olhar fenomenológico para sentidos e significados dessa clínica por seus participantes. **Relatório de iniciação científica não publicado**. 2016

González, Alberto Durán, et al. "Fenomenologia heideggeriana como referencial para estudos sobre formação em saúde." *Interface comun. saúde educ* (2012): 809-817.

Heidegger, Martin. "Ser e tempo: parte I. Trad." *Márcia de Sá Cavalcante*. Petrópolis: Vozes (2005).

KLUTH, V. S.; FROTA, A. M. M. C. . O Rigor na Pesquisa fenomenológica de orientação heideggeriana. In: IV Seminário de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2010, Rio Claro. Pesquisa Qualitativa: rigor em questão - fundamentos, métodos e desdobramentos, 2010.

Kahlmeyer-Mertens, Roberto S. *Heidegger & a educação*. Autentica, 2013.

Mahfoud, Miguel. "Plantão psicológico: novos horizontes." São Paulo: Companhia Ilimitada (1999).

Mahfoud, Miguel. "Plantão psicológico: novos horizontes." São Paulo: Companhia Ilimitada (2012).

Melo, F. F. S. (2004). *Plantão psicoeducativo: espaço de reflexão e mudança oferecido às famílias de uma comunidade de baixa renda*. Dissertação de mestrado não-publicada, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Melo, FFS. *Cartas: uma possibilidade para o ensino do pensamento fenomenológico*. São Paulo: PUCSP, 2008. Diss. Tese de doutorado.

Morato, Henriette Tognetti Penha. *Aconselhamento Psicologico Centrado Na Casa do Psicólogo*, 1999.

MORATO, Henriette Tognetti. Por entre Plantão Psicológico e Ação Cartográfica Clínica pelos "Caminhos da Floresta". São Paulo, 2016.

Mynaio, M. C. S. (2010). O desafio do Conhecimento. Pesquisa Qualitativa em Saúde. Sétima edição HUCITEC - ABRASCO São Paulo-Rio de Janeiro, 2000.

Paparelli, Rosélia Bezerra, e Maria Cezira Fantini Nogueira-Martins. "Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico." *Psicologia: ciência e profissão* 27.1 (2007): 64-79.

Pompeia, João Augusto, e Bilê Tatit Sapienza. "Os dois nascimentos do homem: escritos sobre terapia e educação na era da técnica." *Rio de Janeiro: Via Verita* (2011).

Pompeia, João Augusto, e Bilê Tatit Sapienza. *Na presença do sentido uma aproximação fenomenológica a questões existennciais básicas*. EDUC-Editora da PUC-SP, 2004.

Prado, M. F. de A. (2001), *Uma Apresentação sobre os Seminários de Zollikon*, Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse, no.10. Associação Brasileira de Daseinsanalyse, São Paulo. Brasil.

SZYMANSKI, Heloisa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. In: SZYMANSKI, Heloisa (org.). A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Plano Editora, 2004

REBOUÇAS, M. S. S., DUTRA, E. Plantão psicológico: uma prática clínica da contemporaneidade. Rev. abordagem gestalt., Goiânia , v. 16, n. 1, p. 19-28, jun. 2010 .

Rudnicki, Tânia; Carlotto, Mary Sandra. Formação de estudante da área da saúde: reflexões sobre a prática de estágio. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 10, n. 1, p. 97-110, jun. 2007 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582007000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 01 jun. 2017.

Szymanski, H. (2002). Entrevista reflexiva: um olhar psicológico para a entrevista em pesquisa. In H. Szymanski (Org.), A entrevista na pesquisa em educação: A prática reflexiva (pp. 9-61). Brasília: Plano.

Szymanski, H., Szymanski, L. (2014). O Encontro Reflexivo como Prática Psicoeducativa: Uma perspectiva Fenomenológica. Revista de Educação, Ciência e Cultura (ISSN 2236-6377).

PAPARELLI, Rosélia Bezerra; NOGUEIRA-MARTINS, Maria Cezira Fantini. Psicólogos em formação: vivências e demandas em plantão psicológico. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília , v. 27, n. 1, p. 64-79, mar. 2007 .

9. Anexos

Anexo I

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Pesquisa: O impacto da experiência no Plantão Psicológico para formação do psicólogo: um estudo sobre a aprendizagem do pesquisador.

A pesquisa em questão estuda o próprio processo de aprendizagem do pesquisador. Isso significa dizer que é uma auto narrativa de experiências de aprendizagem. Os materiais coletados a partir das minhas descrições em meu *Diário de Bordo*, serão usados para análise e discussão. Os resultados desta pesquisa poderão ser usados em meios acadêmicos e científicos, por meio de apresentação em congressos e eventos acadêmicos ou em publicação acadêmico-científica.

Assim, eu, Vinicius Rondi Bórnea, portador do RG nº 388218460 estou devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar e utilizar toda a produção para fins acadêmicos.

Pesquisador Responsável

RG: _____

Assinatura: _____

Data: _____

Orientadora responsável – Profa. Dra. Fabiola Freire S. Melo

RG: _____

Assinatura: _____

Data: _____

São Paulo de de .

Anexo II

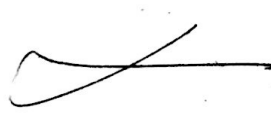
Anexo V
Autorização para realização de pesquisa
Trabalho de Conclusão de Curso

Eu, Profa. Dra. Henriette T. P. Morato (RG 3269569x), coordenadora do LEFE (Laboratório de Estudos em Fenomenologia Existencial e Práticas em Psicologia, do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da USP) autorizo a participação do aluno da Pontifícia Universidade Católica, Vinicius Rondi Bórnea (RG 38821846-0 e RA00130635) nas atividades do Plantão Psicológico no IPUSP durante a realização do seu Trabalho de Conclusão de Curso para fins acadêmicos no primeiro semestre de 2017.



Dra. Henriette T. P. Morato

São Paulo, 28 de 03 de 2017



Anexo III - Diário de Bordo - atendimentos em Plantão Psicológico

Primeiro atendimento em plantão psicológico

Cheguei na clínica escola da USP tímido, pisando em um território que não me sinto pertencente, portanto cheguei de modo cauteloso. Foi necessário me apresentar para todos os supervisores e alunos que estavam presentes.

Meu primeiro atendimento no plantão psicológico foi em grupo. Senti-me muito tranquilo para fazer esse atendimento, pois percebi logo no começo que minha dupla tinha experiência nos atendimentos em plantão, tinha uma escuta e seguia uma linha de pensamento próxima (familiar). Nesse aspecto, mesmo sendo diferente em alguns aspectos a troca/conversa durante o atendimento foi possível.

Em primeiro momento deixei que minha dupla começasse o atendimento, a partir do momento que me identifiquei com as ações do colega e senti confiança eu também fiquei a vontade para intervir no atendimento.

Um aspecto importante também é que nesse momento em outros estágios eu estava coordenando grupos todas as semanas. Acredito que isso influenciou para que eu me sentisse mais confiante pois estava pisando em um terreno que já havia sido explorado antes (a prática de coordenação de grupos).

Fizemos a supervisão de meio e a final, o sentido dessas supervisões foram de descrever o atendimento para pensar junto com um supervisor qual era o sentido da queixa da família e qual o sentido das nossas intervenções.

Quando não estava atendendo eu fiquei na sala de supervisão acompanhando o processo de outros colegas, gostei muito de observar e participar, pois aquela experiência e discussão do caso me estimulou a desenvolver um pensamento clínico.

Finalizamos o atendimento e eu me senti bem, feliz. Com disposição para continuar atendendo. Com vontade de voltar na próxima semana.

Segundo atendimento em plantão psicológico

Meu segundo atendimento foi com outro colega plantonista. Nesse atendimento tivemos muitas dificuldades. O paciente veio ao plantão buscar uma resposta para seus “problemas psicológicos”, querendo uma fórmula (como na matemática) para resolver seus problemas pessoais. Foi complicado apresentar uma outra perspectiva do nosso trabalho, uma vez que, todas as intervenções que não fossem no sentido de fórmula, matematificar, objetivar, solucionar e definir pareciam não ter sentido para o paciente.

Diante dessa situação fiquei muito perdido em relação ao atendimento. Senti-me ansioso e impotente. Sentia-me na posição de ter que fazer algo que pudesse “salvar” o atendimento. Essa postura/preocupação não favoreceu o atendimento nos distanciando ainda mais do paciente e do sentido da sua fala.

Nesse atendimento não me senti a vontade com minha dupla. Tive a impressão de que tínhamos pensamentos e modos de atuar muito diferentes. Dessa maneira era complicado estar em consonância, afinação ou “falando a mesma língua”. Foi um atendimento ruim, não sai bem comigo mesmo.

A supervisão de meio, neste caso, foi para entender como poderíamos trazer esse paciente para uma outra perspectiva de atendimento. Além de uma constante atenção para como estávamos nos sentindo no atendimento. Apesar de sentir-me mais seguro para voltar, o atendimento não fluiu.

Nesse plantão eu me senti muito impotente. Quando acabou, eu estava indo para casa e ainda me sentia desconfortável, ansioso, cansado e com a sensação de que eu poderia ter feito algo diferente.

Apesar do desconforto, a cada dia que passa eu sinto mais vontade de voltar e atender em plantão psicológico.

Terceiro atendimento em plantão psicológico

Meu terceiro atendimento em plantão psicológico foi muito difícil. A paciente estava contando uma vivência complexa, singular e extremamente forte para ela mesma, conseqüentemente muito forte para mim também, que a escutava.

Percebi que esse atendimento foi muito mais um acompanhamento da sua narrativa, da sua experiência da sua vida. Quase um testemunho.

Coloquei-me na posição de alguém que precisaria tomar muito cuidado em relação ao meu posicionamento como plantonista/terapeuta. Pelo motivo de se tratar de uma vivência completamente distante das minhas. Coloquei-me em um modo mais cauteloso.

A paciente estava contando uma vivência que dizia respeito de um universo da mulher, sobre ser mãe e vivências de muita intimidade sobre si mesmo. Frente a estas questões me senti distante desse universo, mundo de significados. Nunca cheguei perto de viver algo parecido do que foi dito e sei que seria impossível de eu ter alguma experiência própria nesse espectro.

Dentro dessa perspectiva, eu fiquei mais cauteloso com a narrativa da paciente. Todo esse sentimento não me impediu de acompanhar a paciente em seu discurso e vivência de medos, temores, angústias e sofrimento. Como também fazer apontamentos, compreensões de sua fala e etc.

Estar nesse atendimento era algo tenso, lembro-me de como contorcia meus próprios dedos dos pés, dentro do tênis. Sentia eles se entrelaçando de forma tensa e rígida, expressando um “desconforto”. Acredito que essa expressão do meu corpo estava revelando a maneira como eu estava vivendo esse momento, na forma de tensão.

Estava lançado em uma experiência, da qual, eu pouco sabia e pouco tinha experiência. Estar acompanhando a história dessa paciente era algo que ao mesmo tempo era desafiador, instigante e desalojador. É claro que essa percepção não veio no momento do atendimento, ela está ligada ao processo de reviver o atendimento em plantão e escrita do diário de bordo. Como uma tentativa de resgatar os pontos marcantes do atendimento.

A supervisão foi no sentido de compreender o atendimento junto, como também de me remeter para as minhas questões, meus sentimentos e minhas angústias nesse atendimento. Nesse sentido acho os supervisores muito

cuidadosos com o plantonista. Posso dizer que eu faço o plantão com os pacientes e os supervisores fazem o plantão comigo. Porém esse cuidado depende também do quanto eu quero, posso, deixo e acompanho o movimento do supervisor.

Enquanto eu não estava atendendo, fiquei na sala de supervisão acompanhando supervisões de outros colegas. Noto que outra possibilidade é ir para a supervisão apenas buscando um clareamento, respostas e sugestões para o atendimento, porém eu gosto de aproximar também das minhas questões, medos, angústias, sentimentos.

Quarto atendimento em plantão psicológico

Fiquei conversando e observando a sala de supervisão. A coordenadora pediu paciência para os alunos para que os plantonistas mais experientes chegassem para que as duplas fossem formadas por um integrante mais novo e outro mais experiente.

As duplas começaram a ser formadas e os atendimentos foram iniciados e minha vez não chegava. Após um certo tempo comecei a ficar um pouco ansioso/angustiado porque eu queria fazer um atendimento e os pacientes já estavam todos sendo atendidos. Até que depois de uma hora e dez minutos minha dupla chegou e um paciente também. Dessa forma, descemos e começamos o atendimento.

No começo estava bem tranquilo. Entramos na sala, preenchemos a ficha de inscrição e minha dupla iniciou o atendimento fazendo algumas perguntas. A paciente começou a fazer sua queixa e o atendimento começou a se desenrolar. Comecei a tentar compreender o relato da paciente e a medida que o atendimento se desenrolava comecei a reparar que estava um pouco ansioso (com pressa) para compreender o relato da paciente.

Permaneci em silêncio por um tempo até sentir que fazia sentido fazer uma intervenção/pergunta. E assim o atendimento se desenrolou. Estávamos caminhando junto com a paciente em sua narrativa e fizemos várias perguntas para auxiliar nossa compreensão sobre a vivência da paciente. Algumas horas eu trazia as compressões que tinha acerca do que a paciente estava relatando e ela as confirmava, completava ou não concordava.

Notei que eu tinha ansiedade em compreender a narrativa do paciente. Mesmo que eu não a antecipasse, cortasse ou atravessasse a fala dela, eu estava bem ansioso para chegar em lugar e conclusão com o que ela estava trazendo. Acredito que o fato de não saber o que se passa com o paciente e não ter uma teoria a priori que me orientasse nesse sentido colabora para o meu “nervosismo”. É desalojador, não saber o que fazer.

Outra questão que me pegou foi o que, muitas vezes, eu reparo que existe uma “intenção” mesmo que não clara para mim de, “ajudar” o paciente e penso que isso possa representar um empecilho no atendimento. Dizendo em outras palavras,

eu sinto uma obrigação de fazer algo pelo paciente, acompanhar e escutar o paciente, pareceu muito pouco.

A supervisão de meio chegou e começamos a relatar nosso atendimento descritivamente e também trazendo nossas compreensões. Foi um espaço para contar como estávamos conduzindo o atendimento e pensar em novas possibilidades para conduzir, intervir no atendimento. Porém o sentimento de angústia permaneceu.

Terminei esse atendimento muito intrigado, me sentido ansioso, angustiado. A reflexão sobre esse atendimento não se encerrou ainda continua a gerar questionamentos e reflexões em mim mesmo.

Quinto atendimento em plantão psicológico

Essa paciente tinha dificuldade de falar sobre si mesma. Dessa forma, o atendimento não fluía. Fizemos intervenções no sentido de estimular a paciente a falar, mas ela não conseguiu.

Esse atendimento me lançou sob a dificuldade de atender alguém que tem dificuldade de “ser atendido”, isto é, atender alguém que não tem o conhecimento de como a psicologia trabalha e não sabe como se expressar.

Acredito que o meu sentimento, como também o da minha dupla, estava girando em torno da angústia de não saber o que fazer para que aquela paciente falasse, que o atendimento fluísse e que pudéssemos contribuir com aquela pessoa de alguma forma.

É claro que o atendimento não fluiu e o meu sentimento era de que tinha algo ou alguma coisa que eu pudesse ter feito/dito para que a paciente se soltasse e o atendimento tivesse fluído.

A supervisão desse atendimento girou em torno do fato de que o psicólogo talvez não tenha esse poder de fazer algo que mude drasticamente o atendimento ou faça a pessoa falar (essa ideia coloca o paciente na obrigação de fazer/falar e isso não faz sentido). Nosso trabalho vai até o outro (paciente) permite, nesse sentido é um caminhar em conjunto. Não sou onipotente, apesar de as vezes desejar.

Nessa supervisão o supervisor destacou que percebia que eu estava "travado", no sentido de apreensivo. Eu, por outro lado, disse que eu me sentia preso no discurso do paciente, ou seja, que eu ficava extremamente concentrado na narrativa, a fim de compreender aquilo que o paciente dizia (desconsiderando outros referenciais, como por exemplo o rosto da paciente e gestos). E que meu medo era de perder o fio da meada, me perder no atendimento e não conseguir fazer um bom atendimento. O supervisor, por sua vez, disse:

- Acho melhor você se perder um pouco mais.

Fiquei extremamente pensativo com essa sugestão/apontamento.

Eu penso que essa sugestão do supervisor foi muito importante no sentido de me lançar para algo que possivelmente tinha haver com meu modo de atender e atuar no plantão.

Terminei esse plantão implicado nessa questão de transitar entre o perder-se e achar-se. Além de buscar compreender qual o sentido disso dentro do atendimento.

Sexto atendimento em plantão psicológico

Meu sexto atendimento foi um atendimento que fluiu. Tive a sorte de pegar uma dupla na qual já havia feito outro plantão e já conhecia mais ou menos como era sua atuação como plantonista. Nesse sentido, a dupla não é uma condição fundamental para que o atendimento aconteça, porém quando minha dupla de atendimento é alguém que eu já conheço e sei como é sua perspectiva de atendimento fica mais fácil, parece que flui melhor e eu fico menos tenso.

Surgiu uma questão interessante para mim nesse momento, o que faz um atendimento ser bom? É claro que eu não sei responder com clareza essa questão, porém decidi ponderar o que faz eu sentir que o atendimento foi bom. Um atendimento é bom quando há movimento, escuta, troca entre os plantonistas e paciente, quando há abertura do plantonista para ouvir o que o paciente está “realmente” lhe dizendo (isso parece uma coisa muito simples, apesar de não ser). Ser terapeuta requer uma escuta muito apurada, uma percepção aguçada, intuição e jogo de cintura. Quando eu consigo dizer para o paciente aquilo que ele está me apresentando/dizendo/transmitindo de forma clara e que ele consiga entender, quase que um compartilhamento de como ressoa em mim o seu testemunho/narrativa/história é algo extremamente libertador.

É inegável que os atendimentos provocam sentimentos, sensações, afetividade no terapeuta, se não houvessem essas questões o presente trabalho não teria o menor sentido. A questão que se estabelece então é: o que fazer com esses sentimentos, sensações e afetividade?

Eu percebi que quando eu atendia e tinha essas sensações e sentimentos e não utilizava elas para nada eu saía pesado, ansioso, sentindo-me confuso, com uma sensação de que o atendimento poderia ter sido diferente. A partir do momento que eu reparei que essas atividades poderiam nortear, contribuir e cooperar com o atendimento, minhas intervenções mudaram e até a forma como encarava o atendimento e os limites das minhas intervenções. Saía menos pesado, ansioso, confuso, sensação de alívio e contemplação.

Esse dia em específico eu estava muito cansado por motivos pessoais e sobrecarregado com trabalhos/estágios/aulas de faculdade. Porém quando terminei esse atendimento senti-me leve, pronto para outro atendimento. Quando o atendimento flui, você termina querendo continuar, na hora.

Quando o atendimento não flui da maneira como eu quero, eu também continuo com o desejo de continuar indo ao plantão. Porém é necessário um descanso, reflexão, aproximação e elaboração com aquela vivência.

Sétimo atendimento em plantão psicológico

Meu sétimo atendimento foi desgastante, porém foi um atendimento altamente gratificante. A supervisão de meio foi extremamente importante para o desenrolar, pois era um atendimento muito complexo.

Estávamos acompanhando/compreendendo a narrativa/queixa/história do paciente. Considero que a melhor forma de descrever o que estávamos fazendo é: estávamos caminhando/trilhando um mesmo caminho, encontrando sentido para o que era compartilhando conosco.

Nesse sentido a supervisão entrou como um momento de relatar para uma terceira pessoa o caminho que estávamos percorrendo junto com o cliente e pensar o que aquilo que estávamos contando dizia sobre o atendimento e sobre o paciente (seus modos de ser-no-mundo-com-os-outros). Isso proporcionou uma outra visão daquilo que estávamos contando e também me colocou em um outro grau de abertura para o que emergia naquele plantão.

Quando voltamos para o atendimento, eu consegui atingir “*outro patamar*” de compreensão da sessão. Como também a história do paciente, sentido daquele atendimento e das minhas próprias ações/intervenções. Considero que a supervisão nesse caso foi algo decisivo para que eu pudesse estar aberto/compreender o que de fato o cliente estava tentando nos dizer/mostrar.

Terminei esse atendimento com o sentimento de contemplação, sentindo-me orgulhoso por conseguir propiciar uma escuta diferenciada para o paciente, por ter conseguido dar o meu melhor no momento do atendimento. Posso dizer que esse atendimento, de algum modo, propiciou que eu tivesse um “gostinho” de ser psicólogo. Além de feliz, senti o trabalho que eu estava fazendo sendo valorizado e que todo o processo de aprendizado que eu estava vivenciando no plantão estava me amadurecendo como profissional e como pessoa, isso foi indescritível.

Não dá para saber o que o paciente faz com meu trabalho. Nesse sentido ele é pura angústia para mim mesmo. A impressão que eu tenho é de que nosso trabalho (psicólogo) é, muitas vezes, se preparar para o inesperado. Porém se é inesperado, como se preparar para ele?

Outra reflexão importante nesse período, foi o questionamento, se cada caso é um caso e toda vez que eu entro para atender é uma experiência completamente singular. O que acontece que com o passar do tempo eu tenho entrado diferente e

meus atendimentos tem melhorado, se a princípio eu não tenho nenhuma informação prévia sobre paciente?

Notei que ao longo desse processo quando eu entrava em um atendimento sentia-me muito ansioso, angustiado, sob pressão diante de outro ser humano que estava em situação de sofrimento. Muitas vezes, essa angustia era tamanha que prejudicava minha escuta e intervenções, sendo que agora percebo que nos atendimentos, perante o sofrimento e a dor do outro, consigo me manter mais calmo do que no começo. Dessa forma consigo ter mais clareza na compressão do atendimento como um todo e também adquiri mais calma e confiança para fazer intervenções e apontamentos.